

# ENSAIOS LINGUÍSTICOS



PATRÍCIA DA SILVA VALÉRIO  
PATRÍCIA BRACIAK (ORGS.)

ENSAIOS  
LINGUÍSTICOS

PATRÍCIA DA SILVA VALÉRIO  
PATRÍCIA BRACIAK  
(ORGANIZADORAS)

# ENSAIOS LINGUÍSTICOS

CURSO DE LETRAS - UPF  
PASSO FUNDO - RS, 2022

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

- E59    Ensaaios linguísticos [recurso eletrônico] / org. Patrícia da Silva Valério, Patrícia Braciak. – Passo Fundo: Curso de Letras UPF, 2022.  
1.106 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-00-58235- 2 (E-book).

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Interação social.  
4. Ensaaios. I. Valério, Patrícia da Silva, org. II. Braciak, Patrícia, org.

CDU: 81'27

---

Bibliotecário responsável Schirlei T. da S. Vaz - CRB 10/1364

## A P R E S E N T A Ç Ã O

Este e-book reúne quatorze ensaios, produzidos por acadêmicos do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), matriculados na disciplina de Sociolinguística em 2022.1.

A disciplina tem por principal objetivo proporcionar ao graduando de Letras uma visão da linguagem como resultado da interação social e do uso numa dada comunidade linguística. Além disso, dada a característica extensionista desta disciplina no curso, visa-se engajar os estudantes em ações do projeto *Territórios da Educação e da Formação Humana*, com vistas a estreitar as relações entre escola e comunidade, contribuindo para a formação de sujeitos emancipados, críticos e esteticamente sensíveis.

Desse modo, buscando atender ao caráter extensionista da disciplina, foi proposta uma atividade de investigação, de cunho linguístico, em comunidades do município e região, com vistas a conhecer e mapear as variantes linguísticas utilizadas visando à promoção da valorização da fala das comunidades e à conscientização sobre o preconceito linguístico.

Os ensaios aqui reunidos representam os estudos produzidos pelos estudantes a partir da sua imersão nas comunidades e pretendem socializar o conhecimento produzido com as respectivas comunidades. É importante destacar que se trata de uma disciplina de apenas dois créditos, por isso os ensaios foram produzidos em curto espaço de tempo, juntamente com outros estudos e trabalhos. Ainda que exigido como produto de avaliação da disciplina, há certamente possíveis falhas decorrentes de um trabalho inicial, sem o devido tempo de amadurecimento, mas que poderá ser qualificado ao longo do curso. Contamos com a compreensão do leitor com possíveis lacunas decorrentes de pouco aprofundamento dos temas.

Esperamos que a leitura seja prazerosa e que desafie outros estudantes a valorizar a língua como fenômeno social, resultado da interação entre sujeitos.

Professora Dra Patrícia da Silva Valério  
Professora do Curso de Letras da UPF  
Julho de 2022.

## SUMÁRIO

1. Desmembrando uma narrativa ligeiramente interiorana e fantasmagórica..... p.5
2. Variações linguísticas na fala: como pessoas são identificadas através da comunicação.....p.8
3. Traços linguísticos em mulheres vítimas de violência doméstica.....p.14
4. Monitoração estilística: uma análise a partir da linguagem falada.....p.18
5. Variações linguísticas de um povo.....p.24
6. Contínuos da variação alemã e portuguesa.....p.27
7. A variação rurbana na fala de uma descendente italiana.....p.30
8. A variação da língua moderna: as gírias.....p.32
9. A língua como um atributo social.....p.35
10. Análise linguística dos sujeitos: a temporalidade e suas dissonâncias.....p.44
11. Língua como um aspecto cultural.....p.47
12. Trabalho de investigação na comunidade.....p.54
13. Investigação na comunidade.....p.62
14. A análise dos traços da fala e do sotaque no âmbito regional para a prática escolar.....p.70

## Desmembrando uma narrativa ligeiramente interiorana e fantasmagórica

Esther Buffon de Vargas

Só existe língua em uso (BAGNO, 2012, p. 20), ou seja, na boca do povo. E o funcionamento desta se dá pela mobilização realizada pelo falante ao elaborar o que planeja dizer. A ocorrência desse evento é potencializada por uma série de fatores, sendo eles sociais, econômicos, regionais, históricos e estilísticos. À vista disso, há uma grande diversidade de variação linguística em nosso país que influencia, de maneiras direta e significativa, a construção do discurso. Quando abordamos o tópico Língua Portuguesa, está sendo debatida uma unidade que é constituída de muitas variedades (BAGNO, 2007, p. 19). Logo, a comunidade de fala brasileira é marcada pela diversidade e variabilidade presentes no manejo da língua no cotidiano dos inúmeros grupos que compõem a nossa população.

Na obra *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula*, Stella Maris Bortoni-Ricardo declara que “falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social” (BORTONI, p. 33). Adentrando um pouco o significado de “identidade”, essa palavra condiz com o pertencimento e a unicidade do indivíduo como pessoa. Então, quando falamos algo, acionamos tudo o que nos completa como seres culturais recheados de particularidades. Dessa forma, agora darei uma atenção especial ao ambiente regional e à situação socioeconômica, que são alguns dos aspectos mais atuantes na língua em emprego.

As características do delineamento linguístico, sobretudo o qual está atrelado à distribuição nos espaços rurais e urbanos, são expressadas na fala dos indivíduos e carregam um enorme peso cultural. Os habitantes das áreas urbanas sofrem influência das grandes metrópoles, que dispõem de maior poder e prestígio (BORTONI, 2004, p. 33). Isso acontece porque a língua é vista como uma ferramenta de ascensão social, já que a prática do letramento continua inibindo a existência da diversidade linguística. De outro modo, os moradores das zonas rurais denotam uma linguagem mais interiorana e preenchida de dialetos. Os principais motivadores para que isso aconteça, além da origem geográfica e das questões históricas, são a situação socioeconômica e o grau de escolarização.

Portanto, trago a narrativa de um homem que nasceu no meio rural e na adolescência mudou-se para uma cidade relativamente grande. Meu pai, Saloir de Vargas. Em virtude da condição precária dos meus avós, ele começou a trabalhar muito cedo e não teve tempo, tampouco oportunidade, para os estudos. Então, sequer finalizou o ensino fundamental e, caso as circunstâncias fossem diferentes, meu pai alega que não seria um “estudioso” — palavra dita por ele próprio. Quando o questionei sobre essa declaração, explicou: “a escola sempre foi muito difícil, eu não entendia nada e não sabia dizer nada”. É uma resposta dolorosa. A necessidade escolar de corrigir a fala, como se houvesse uma forma “correta”, gera esse tipo de exclusão.

Enfim, vamos à narrativa. Atualmente com 54 anos de idade, Saloir ainda recorda de quando trabalhou numa granja e guarda diversas histórias dessa época. Abaixo, há uma da ocasião em que ele e outros trabalhadores avistaram um suposto fantasma.

Eu tava trabalhando numa granja, daí de longe nós tava capinando a soja, passemos perto assim e vimos que tinha uma casa, casa abandonada, perto de um matinho lá, tipo um sítio [...] e tinha pé de laranja, e bergamota, aí depois que nós paremos de trabalhar era seis hora, de noite, tomamos banho e daí fomos pra pega uma laranja, porque a casa tava abandonada, né. E daí quando nós chegemos assim perto parecia que tinha um luz... dentro de casa, um lampião aceso, que não tinha energia elétrica, né. Tá. E tinha movimento, a gente vimos movimento. A gente bateu palma, tudo, e ninguém veio atender nós. Nós desistimos de pega, ninguém veio atender e a gente viu que tinha movimento dentro da casa. Tá, daí passou. No outro dia, nós tava lá de meio-dia almoçando no acampamento, veio o dono da granja e a gente pensou e perguntou o carregado lá que foi junto com nós, um pia lá, filho do capataz, sobre a respeito dessa casa. Daí disse que não, que não tinha ninguém lá, que a casa era abandonada e a terra pertencia pra ele, né, mas ele comprou. Na época, o herdeiro vendeu pra ele e ele ainda não tinha mexido lá, não tinha tempo de derrubar, de fazer o arroio, mas a casa era abandonada. Tanto que a gente foi de dia lá e não tinha nada. Era uma taberna abandonada, não tinha nada dentro da casa a não ser um fogão veio caindo aos pedaços. Mas de noite nós tava em uns quatro, cinco, e a gente foi lá pra pegar laranja e bergamota, né, pra gente comer, e tinha movimento dentro da casa... e a casa tava abandonada... E naquela noite a gente viu que tinha gente, tinha um lampião aceso e tinha movimento dentro da casa. Mas de dia não tinha nada. Tava abandonada. E sei lá o que que era. Segundo eles era um fantasma, a sombra, sei lá. Geral falou disso depois. Mas depois disso ninguém pensou em passar lá na frente, nem eu.

A prática da contação de histórias por meio da oralidade é sucedida pela transmissão de acontecimentos configurados, simbolicamente, em estruturas narrativas (KOUDELA, ALMEIDA, 2015, p. 32). Assim, o simples ato de contar algo é uma narrativa e esse recurso nada mais é do que a língua em funcionamento, mobilizada de maneira específica para o locutor transmitir o que deseja. Portanto, desmembrando a narrativa acima — que é ligeiramente interiorana e um tanto fantasmagórica —, é perceptível os traços culturais dela. Não é uma fala monitorada. Embora não esteja à



margem dos dialetos rurais, em algumas partes não há o plural nos sintagmas nominais. Nela, também há uma certa redundância; meu pai dá voltas e voltas, retomando o que já disse como se quisesse reforçar os fatos.

Em *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, Marcos Bagno reforça que a gramática não é a língua (p. 9). Dado que a língua é um fenômeno vivo cujas proporções são inimagináveis, a gramática não consegue a comportar por inteira. Desse modo, a língua sofre alterações para se adequar às necessidades do falante, sejam por conta da origem geográfica, da situação socioeconômica e do grau de escolaridade. Visto que o Brasil caminha à beira da desigualdade e o acesso à educação permanece sendo um privilégio, o essencial sempre será se fazer entender. Por isso, se a narrativa acima foi entendida, contemplada e analisada, o mesmo pode ser feito com outras estruturas de conversação.

#### **REFERÊNCIAS:**

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. Parábola: São Paulo, 2012.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. Loyola: São Paulo, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maria. *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula*. Parábola: São Paulo, 2004.

KOUDELA, Ingrid; ALMEIDA JÚNIOR, José Simões (orgs.). *Léxico da pedagogia do teatro*. Perspectiva/SP Escola de Teatro: São Paulo, 2015.

## **Variações linguísticas na fala: como pessoas são identificadas através da comunicação.**

Gustavo Decesaro

No presente ensaio serão apresentadas diferentes variações de uso da língua portuguesa e sua contemporânea, a língua italiana. O foco deste estudo é a análise de uma entrevista, coletada de um grupo familiar italiano, para posterior estudo na área da sociolinguística e sua ciência como língua. Serão apresentadas diferentes maneiras de como a língua em uso, sua oralidade entre os falantes, se modifica e se encaixa na sociedade brasileira, através de metaplasmos e seu uso, mais comumente ou menos frequente, que também denominamos como traços graduais ou descontínuos, partindo-se principalmente dos conceitos de Bortoni Ricardo.

É de grande interesse da sociolinguística estudar as diferentes e variadas formas de comunicação existentes dentro uma comunidade. Apesar de ser uma ciência que ainda está em seu pleno desenvolvimento, sem muita adesão pelas academias e nas formações de profissionais através do Brasil, a sociolinguística se mostra cada vez mais importante para uma melhor compreensão da própria língua, além de ser uma importantíssima área que combate, estuda e explica os estigmas sociais que estão espelhados em línguas denominadas “inferiores” ou “dialetos” que não certamente fazem parte da norma culta da língua portuguesa.

Para superar os desafios da sociolinguística, devemos olhar para as diferenças linguísticas de forma ampla e afetiva, sem julgamentos do que se considera correto e sem aquele velho formalismo chato, devemos pensar nas situações históricas e sociais acerca da comunidade falante daquela específica maneira, em verdade, como e quando as pessoas passaram a mudar sua forma de falar, por que, em um Brasil continental, é impossível falar da mesma maneira em todas as regiões, e, claro, de que forma se deram tais mudanças. Muito sabemos das potencialidades da língua portuguesa e sua evolução através dos séculos, desde o latim até o fim da colonização portuguesa e início do império Brasileiro, até hoje o português se aprimorou muito e ainda há de existir mudanças a serem feitas que se dão os primeiros sinais nas bocas dos falantes.

Ademais, esta reflexão se baseia na forma e diferenciada maneira com que imigrantes italianos, já estabelecidos aqui por algum tempo, ainda dão sinais de cultura e “jeitinho italiano” de se falar. Claramente o leitor já teve contato ou pelo menos já ouviu falar o quão amplamente foi a colonização de diferentes povos europeus na América Latina,

assim sendo a colonização italiana uma das maiores e mais amplas culturas do Rio Grande do Sul. Tamanha comunidade de falantes italianos estabelecida no Brasil certamente trouxe muitas inovações para a região, certamente a língua e sua riqueza transformadora foi a que mais os distingue, além de hábitos alimentares e comportamentais. A língua italiana, mesclada com o português, muitas vezes dita e até acusa tais descendentes de forma involuntária e natural, por esta razão os estudos sociolinguísticos são tão importantes para a compreensão dessa espécie de dialeto, formado principalmente na região rural do Rio Grande do Sul. Entender quando um indivíduo possui uma alteração drástica na fonética é entender que sua identidade está ligada à determinada comunidade, é impossível, portanto, existir uma sequer pessoa no Brasil inteiro que não carregue traços linguísticos diferenciados e que não carregue uma bagagem linguística inteira em seu vocabulário.

Para uma análise de um grupo comunitário, a sociolinguística precisa fazer uso da língua em sua oralidade. Entrevistar esses indivíduos, que em todos os casos somos nós mesmos, é simplesmente coletar informações faladas do dia a dia. Certamente quando chegamos em alguém com o intuito de entrevistar, despertamos um certo medo interior, uma repulsa ao modo informal de fala, colocamos assim o próprio entrevistado em uma espécie de alerta! O alerta aqui mencionado é uma característica natural de autocorreção das pessoas quando estão em situações formais, tanto é que se perde o real tesouro sociolinguístico pretendido ao ativar tal emoção. Certamente, quando se dirige a entrevista, buscam-se essas pequenas variações faladas, que podem ser de caráter fonológico, morfológico e até mesmo sintático. Para uma adesão totalmente informal e para uma melhor coleta de informações valiosas dentre os indivíduos, prefiro-me simplesmente gravar o áudio sem a consciência dos entrevistados, é claro com a devida autorização de postagem posterior.

Esta entrevista foi feita em uma roda familiar de conversas informais, acerca do dia a dia, da saúde, do tempo, da política e dentre outros vários assuntos discutidos. Essa roda familiar é composta puramente de indivíduos com pouquíssimo ou quase nenhuma educação, e de fortes traços de cultura italiana enraizados em suas conversas, em certos momentos, é perceptível até mesmo a troca total palavras ou até mesmo o assunto para uma conversa em italiano, não o italiano que se tem hoje na Itália, é claro, mas o italiano dialeto da região Sul. Com toda certeza me certifiquei de que o ambiente seria propício, e de que os indivíduos, posteriormente, soubessem da própria gravação e publicação desta reflexão.

Quando pensamos em uma língua, estamos falando de um ser mutável. Santo Agostinho, teólogo e filósofo dos primeiros séculos do cristianismo, escreveu muito acerca das leis naturais, sua mutabilidade e o que é eterno. Ora, a língua é um elemento que, em mudanças constantes e claramente perceptíveis, está sempre em adaptação, principalmente sua parte fonológica. É na fonologia que surgem os primeiros sinais de alterações linguísticas, e é na fonética também que mais percebi tais mudanças decorrente do italiano para o português. Essa combinação de duas línguas que foi gravada nem mesmo possui um consenso geral de escrita, para ser sincero, não há escrita alguma, e muitas vezes os próprios falantes deduzem ou fazem esforços para tentar retratar uma imagem escrita. As mudanças ocorridas no dialeto são tão amplas que até mesmo diferentes palavras possuem o mesmo significado, são casos com “porin” e “poreto”, que igualmente significam “pobrezinho”, nota-se também que “porin” era mais utilizada nas décadas passadas e “poreto” acabou virando uma variação mais “aportuguesada” da mesma. Por conseguinte, outras são inventadas pelo simples fato de não haver registro escrito, e pelo fato de indivíduos mais velhos não estarem mais juntos com a família.

Não são raros os casos em que se acrescentam sílabas ou fonemas do próprio português ou italiano para a fala. Dessa maneira, essa transformação acaba por identificar as características informais de fala italiana/portuguesa. A tradução, por assim dizer, resulta no que chamamos de metaplasmos. Dentre muitas diferenciadas formas de metaplasmos existentes, o mais comum encontrado no exemplo de fala gravada é do tipo de transformação.

Com toda certeza, qualquer indivíduo que já visitou ou participou de uma conversa com italianos aqui estabelecidos no Sul do Brasil já deve ter notado que, exatamente em qualquer caso, a sílaba que recebe o “ão” é totalmente transformada para “on” na comunicação. É uma transformação que causa estranhamento, porém muito natural entre os falantes que vivem ou descendem de famílias (principalmente rurais) de italianos. Portanto, podemos pensar em um compêndio de vocábulos que possuem as terminações com til, as vogais “a” e “o” e que recebem essa nova terminação que possui som de vogal “o” juntamente com a nasalidade do “n”, são exemplos: Pão, caminhão, fogão, ração, tração, nação, armação, facção, missão, anão, cristão, bênção, irmão, cidadão, capitão, dentre muitas outras senão todas outras palavras que possuem essa terminação com nasalidade.

Pensemos agora em como seriam tais pronúncias se fossem feitas por um descendente de italiano, seriam elas em contextos: “O *pon* nosso de cada dia”, “O

*caminhon* de leite”, “A *raçon* do gato”, “A *traçon* dianteira”, “O *fogon* a lenha”, “O *facon* na casinha da lenha”, “Os meus *irmon son* de muito longe ”, “A *misson* do verdadeiro *criston* ”, dentre muitos outros exemplos que poderíamos pensar. Certamente o metaplasmo de transformação desta sílaba nasal de “ão” é uma grande característica de indivíduos de famílias italianas e que principalmente residem em ambiente rural, porém não é a única. Outro exemplo de transformação muito acentuado é a mudança que ocorre em apenas em algumas palavras que possuem uma extensão do fonema da letra “l” e “u”. São exemplos: “O céu/cel azul”, ou “mel/meL de abelha”.

Outras mudanças, aparentemente de qualquer classe trabalhadora rural, encontradas na fala são de metaplasmos de redução como em por exemplo: “Esteje”, que muitas vezes é pronunciado por “teje” em um contexto do tipo “talvez eu teje errado”. Outro exemplo de redução seria: “Receber” em “fui recebê a aposentadoria”. Esse último poderíamos até mesmo classificar como um traço gradual, já que se encontra na fala informal da grande maioria de Brasileiros independente de classe social. Outros exemplos que podemos pensar sobre metaplasmos que ocorrem em falantes de ambiente mais rural seriam o som da vogal “o” transformado para “u”, em casos do tipo: “fui suzinho pro bailon”, “cumi pon com queijo”. Outros casos que podemos pensar: “cimitério lotado” ou “Si ela vier junto”.

Falamos sobre alguns casos de metaplasmos ocorridos nesse tipo de fala, agora poderíamos pensar sobre seus traços estigmatizados, graduais ou descontínuos? Bem, claramente o indivíduo no qual utiliza a nasalização em “ão” para “on” será, de certo modo, ridicularizado pelo fato de soar estranhamente engraçado. Principalmente entre jovens, é motivo de piada e brincadeiras entre os colegas quando se ouve, de forma muito distinta, um colega ou pai do colega que se comunica utilizando tal formação sonora. Podemos classificar, portanto, como um traço que se denomina descontínuo.

Traços graduais ou descontínuos, como explicado em *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na sala de aula* por Bortoni Ricardo, são as variações que o português possui dependente da região e formação social na qual as pessoas se encontram de modo a classificarmos como mais estigmatizados ou menos. Embora as características que notamos nas conversas entre os falantes sejam diversas, vale lembrar que nem sempre será classificada como descontínua, podendo ser levada em consideração a relatividade em que estão. Quando um falante rural ou até mesmo do ambiente urbano utiliza-se de uma construção sintática diferencial, como por exemplo: “De dez anos atrás” ao invés de

“Há dez anos”, para se falar de passado, é notável que nem sempre haverá chacota pelo uso, por ser uma estrutura amplamente utilizada por quase todos os indivíduos.

Assim sendo, dependerá muito do contexto no qual se inserem os falantes para de fato “julgar” a fala da pessoa, de modo algum os vocábulos considerados descontinuos serão analisados gramaticalmente em uma conversa familiar, como é o caso da entrevista feita, pelo simples fato de não haver nenhum sinal de monitoramento linguístico e também por haver afetividade e conforto entre os entrevistados. Conclui-se, portanto, que os comentários e exemplos analisados são de cunho científico e investigador, com o real intuito de expandir essa espécie de “fantasma” da comunicação, logo, deixo abaixo uma breve transcrição da entrevista feita na roda familiar italiana.

**Participantes:**

**F1: Feminino identificado (avó)**

**F2: Feminino identificado (Mãe)**

**M1: Masculino identificado (Pai)**

**M2: Masculino identificado (Entrevistador)**

**Tempo de gravação: 2 minutos e 39 segundos.**

F1: Meo deos...

F2: ma diz que não tem nada a ve o banho eu tamém faz quinze dia que nom tomo.É gri. gripe né

F1: nom é tanto gripe como é dor assim. fechado

F2: Eu tamém me deu uma gripe

F1: dor de cabeça. dor de cabeça

F2: Ahhm. eu me deu uma gripe. Quinta feira ontem eu tava bem... hoje já to melhor.. poco de tosse.

F1: depois hoje amanhã eu fui cedo.. juda alfeo ontem me escaparam os três ternero.

F2: Ahhh .

F1: ontem anoite trata e o. alfeo foi trata... dai era oito hora da noite peguemo o auto fumo la no pon.. dai nem descii do auto sabe.. dai o alfeo disse “me escaparo os ternero tu viu se ta por aqui?”. Si ele disse ta ali no potrero.. dae hoje de manhã levantei cedo me botei as bota fui ajuda ele.. dai peguei frlu nus pé me taco denovo.

F2: Humm

F1: DIOO cristo...

F2: Ataca. Quem sabe a senhora já não tem mais...

F1: num teria mais idade levanta cedo i i em volta

F2: É.

F1: Ah puro bucho olha.. disse. a gente tem as coisa tem que sofre oLha nom adiANta .. tem que..

F2: Uh hum.  
 F1: pra te as coisa.  
 M1: Ma se tem as coisa dentro do potrero nom cisa se preocupa.  
 F1: Sim. M1 Quando volta fecha la... num sei tu viu alfeo la pru fundo..  
 M1: nom nom  
 F1: ta la atra ele pra ca pra la i...  
 M1: deve te passado.. la no rio la em bacho.  
 F1: nom ia passa qui nos calito  
 M1: é.  
 F1: tinha os ferro desempregado qui.. passaron qui nos calito... a ma tipo que né.  
 F2: AHh.. final  
 F1: Gustavo tu engordo. que bunito que tu ta agora.  
 M2: Eu num sei.  
 F1: HUH. Tu engordo né.  
 M2: Eu num sei  
 F1: SIM ele ta co rosto mais.  
 F2: eu acho ele magrinho.. mas é melhor ele.  
 F1: NOM NOM ele engordo  
 M2: Hmm  
 F2: eu acho melhor ele magrinho. Num quero que ele engorde fique buchechudo.  
 ma ele ma ele ta mais gUrDinho agora quero que ele fique legante assim ó  
 F1: É  
 F2: magrinho. hahahahaha Mãe né. as gata que tem que pensa assim. Mas eu quero digo/acho que depois que para de cresce  
 F1: NOM ma agora ele paro de cresce  
 F2: meus irmon tamém o Darci era magrinho bUnitinho  
 F1: ma ele agora ele vai engorda agora um poco  
 F2: depois que ele paro de cresce guto ele fico gordo  
 F1: Sim.  
 F2: o teté. deram tudo magrinho alto  
 M1: ma pode dexa mãe eu tenho nós la em casa temo tudo cuzido pra come  
 F2: o lói. Não precisa se preocupra.  
 M1: nom decha.

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- MUSSALIN, Fernanda. BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. Volume 1. São Paulo: Cortez Editora.

## Traços linguísticos em mulheres vítimas de violência doméstica

Isabella Menegat

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso linguístico de diferentes vítimas de violência doméstica em diferentes situações de depoimentos. Para tanto, usará um documentário, uma reportagem e um projeto, todos referenciados ao final do trabalho. A análise busca evidenciar semelhanças no discurso das vítimas mesmo em situações distintas.

### RELATO 1

“Eu morava sozinha, tinha dois empregos. A vida não era fácil mas eu não me incomodava com isso. [pausa] Foi quando eu conheci em um desses meus dois empregos [suspira] aliás... era meu chefe[pausa longa]. Acabamos nos envolvendo, ele era de família tradicional, tinha uma boa estabilidade financeira. Acabamos nos casando, nós fomos morar juntos foi só depois que eu percebi o que tava acontecendo. O jogo psicológico que ele me colocava. Ele me deixava[pausa] no fundo do poço. Eu tinha que fazer tudo que ele mandava sabe? Tudo [tom mais baixo]. Inclusive eu tive que vender a casa que eu comprei com as minhas economias [olha pra baixo]. Não deu outra...quando eu engravidei do nosso primeiro filho nós fomos morar juntos. Num apartamento alugado. Na gravidez eu não tinha o carinho dele comigo. [suspiro longo] Inclusive, quando eu fui ter meu filho entrei na sala de parto sozinha. Depois... ele me julgava pela minha aparência [suspira]. Feia, burra, inútil. [começa a ofegar e falar rápido] eu não conseguia deixar o casamento eu não achei que eu conseguiria eu achava que eu era fraca. Em dezembro, eu descobri que ele me traía, pela internet, quando eu descobri várias coisas, INCLUSIVE que ele assediava a empregada lá de casa. Foram três queixas, três queixas de uma violência que não deixa hematomas. Mas ti leva à beira do recípcio [precipício]. Mas por quê?”

### RELATO 2

“Eu sofri violência de um namorado meu. No começo ele era todo carinhoso, sabe? [sorrindo]. Mas aí o tempo foi passando e eu vi que não era bem assim [séria]. A primeira vez que ele me bateu ele estava muito bêbado me deu um tapa na cara porque não gostou do que eu disse. Fiquei apavorada. Eu desci do carro eu queria SUMIR dali. Mas aí ele me chamou e eu voltei. Em outra situação ele me bateu numa festa tudo porque eu havia perdido o cartão que dava acesso à conta do bar. Eu fui pro banheiro e chorei



muito. Um dos amigos dele viu o que tava acontecendo e quis me levar embora. Ele quis me tirar dali ma...mas eu não podia...deixar meu namorado me ver chorando. E mais uma vez eu perdoei. O tempo foi passando e ele só foi ficando mais agressivo comigo gritava comigo por qualqué motivo. Tratava mal. Ele me ameaçava me ameaçava por tudo, me ameaçava se eu saísse de casa, me ameaçava se eu fizesse amigos. Eu não podia fazer nada era ameaça em cima de ameaça. Eu não, não tava aguentando mais eu comecei a passar mal eu emagreci e por isso tive que começar a tomar remédios controlados. [pausa] Ele foi embora. Encontrou outra[riso]. Mas eu ainda tenho medo. [falando alto] E o que eu mais sinto vergonha é que eu não consegui denunciar. Eu queria muito sair daquele pesadelo mas eu não conseguia me desfazer dele. Eu ainda tenho medo e eu ainda não consegui denunciar. Por quê?”.

### **RELATO 3**

“Ele arrombou minha porta. Queria explodir o apartamento e eu só tentando sair de perto. Pra que ele não de repente, pirasse me enforcasse me desse uma facada ou fizesse algo comigo. [entrevistadora pergunta se ela se sentiu muito sozinha]. Muito. Uma coisa que eu nunca pensei passar na minha vida, sabe? Meu psicológico acabou”. **RELATO 4**

“Eu pedi a separação do pai do meu filho e ele não aceitou. E daí a gente começou uma discussão ele começou a me agredir. Na minha família não tem decorrência de agressão. Meu pai nunca me bateu. Ele me deu um soco no meu olho meu olho na hora inchou deu hematoma essas coisas...”.

### **RELATO 5**

“Eu tava grávida de três meses aí ele me agredia durante a gravidez. Pediu pra mim fazer um aborto. Hoje meu bebê tá com nove meses, eu tive o bebê ele ficou mais agressivo ainda”. **RELATO 6** “Eu tive um relacionamento de 21 anos. Com o passar do tempo ele foi mudando e começou a me agredir verbalmente. Eu sempre escondi dos meus amigos e da minha família. Era só eu e ele. Eu dizia que se ele me agredisse fisicamente, eu denunciaria. Ele dizia que eu não seria capaz. Agora ele me agrediu, eu tinha tanto amor que fiquei calada. Tomei banho, minha roupa toda ensanguentada. Fiquei no quarto acuada, chorei a noite inteira. No dia seguinte, eu peguei a identidade e fui lá pra delegacia da mulher. Aí denunciei fiz corpo e delito. Me disseram que eu tinha que sair de casa mas eu não queria sair. Aí eu fiquei na mesma casa com ele. Me deram a medida protetiva e eu fiquei tranquila porque ele nem olhava na minha cara. Morando na mesma casa. Eu fazia o meu serviço e ele fazia o dele. Mas ele foi me convencendo e eu tirei a medida protetiva. Aí foi meu erro. Porque ele tentou de novo me agredir. Pra

completar, ele fechou os dedos na porta, fechou assim a porta na própria mão e me acusou, disse que eu tinha cortado os dedos dele. Isso mexeu com a minha cabeça, sabe? Eu queria morrer nesse dia. Eu sozinha, não tinha um vizinho. Só pedindo pra Deus me ajudar. Nas audiências ele dizia que eu cortei o dedo dele. Eu não tinha coragem de encarar ele, eu ficava com medo. Dizia pro psicólogo: não me deixa aqui sozinha com ele pelo amor de Deus. E ele dizia que eu tinha que ir na sala pra conversar. Eu não lembro de nada da audiência. Ele disse que ia mandar me matar, disse que eu ia ter o mesmo fim da professora aqui do bairro. Eu fiquei desesperada. Depois eu vim aqui pro CRAM e fui melhorando, me acalmando. Eu pedi de novo a medida protetiva e isso me deixa mais tranquila”.

### **CONSIDERAÇÕES**

Ao decorrer do trabalho, da leitura e escuta dos relatos e depoimentos, foi possível perceber semelhanças entre o discurso das vítimas, mesmo tendo eles algumas diferenças no formato. Os primeiros dois discursos foram feitos para um documentário, no qual a vítima se senta em um banco e é gravada contando a história, sem perguntas ou interrupções. Os relatos 3,4 e 5, por sua vez, foram retirados de entrevistas ocultas no programa Fantástico, tendo a voz da vítima alterada, seu rosto borrado e o ambiente da gravação escurecido. Já o último, é uma dramatização animada, onde a partir da história da vítima o texto é elaborado e narrado por uma narradora. A dissonância de ambientes de denúncia da violência é fundamental para observar os diferentes traços linguísticos que aparecem em relatos tão sofridos. Contudo, mesmo com suportes tão diferentes, é possível identificar repetições entre eles. Nos discursos 1 e 2, feitos no documentário, ambas as vítimas iniciam com sua fala monitorada. A fala é calma, as conjugações são adequadas e até o momento, não há nenhuma transgressão da norma padrão. Entretanto, no momento de relatar a violência em si, a monitoria da fala perde espaço e algumas mudanças ocorrem. Primeiramente, ocorre a supressão do “es” do verbo “estava” abreviando para “tava”. Curiosamente, isso acontece exatamente na mesma fala: “o que tava acontecendo”. Portanto, no momento que a vítima se revela especificamente à violência doméstica, mesmo que não dizendo nesses termos, a fala perde seu monitoramento e o nervosismo abre portas. É possível perceber, assim, os momentos de maior tensão para quem está narrando. O mesmo ocorre novamente no segundo relato, na qual a segunda ocorrência do “tava” aparece num momento de muita dor do relato: “eu não tava aguentando mais”. Evidenciando novamente os picos do relato em que se perde a monitoria da fala. Em segundo lugar, é possível perceber alterações nas pausas e

estruturação das frases também nos momentos mais violentos. No início dos depoimentos as falas são mais pausadas, com frases curtas e bem estruturadas. No momento da violência em si as vírgulas são suprimidas, repetições aparecem e frases mais longas se fazem presentes. Fato este observado em todos os relatos, com exceção do último, por ser editado. Nos relatos 1,2,3 e 6 outra ocorrência aparece. O uso do “sabe” ao final das perguntas. É perceptível que esse uso aparece nas situações em que a vítima busca encontrar uma identificação com quem escuta seu depoimento, evidenciado no relato 1 “eu tinha que fazer tudo que ele mandava, sabe?”, no relato 6 “isso mexeu com a minha cabeça, sabe?”, no relato 2 “no começo ele era todo carinhoso, sabe?” e no relato 3 “uma coisa que eu nunca pensei passar na minha vida, sabe?”. Além de representarem sentimentos muito comuns em vítimas de violência doméstica, essas frases também expressam sentimentos de impotência, enganação e insegurança. É perceptível uma necessidade muito grande de identificação, por ser um fardo muito pesado a se carregar sozinho. Já nos relatos 3,4 e 5 o uso da língua é bastante semelhante. O ambiente anônimo em que a vítima se encontra propicia uma fala sem monitoramento, uma vez que nenhum traço da vítima irá aparecer, sequer sua voz. Assim, várias semelhanças são perceptíveis: frases longas sem pausas e estruturação, expressões de vocabulários mais simples e comumente utilizadas, confusão com palavras, repetições, troca do “e” por “aí” ou “e daí” e erros de conjugação (como “mim fazer”). Marcas típicas de fala não monitorada, que aparecem no dia a dia.

## Monitoração estilística: uma análise a partir da linguagem falada

Isabelle R. Gasparini

O seguinte ensaio trará uma comparação em formato de análise da monitoração estilística na fala. A pesquisa foi feita a partir da observação de duas gravações de diálogos não monitorados; a primeira em uma situação familiar e a segunda em sala de aula, embasada nos teóricos Tânia Maria Alkmin, com enfoque no capítulo 1 da obra “Introdução à Linguística” (2001), e Stella Maris Bortoni-Ricardo, intitulado “Educação em Língua Materna: A Sociolinguística em Sala de Aula” (2004).

Tânia Maria Alkmin (2001) explica a língua como organizada em unidades distintas dentro de um contexto social. Ela é falada, observada, descrita e analisada nessas redes comunicativas diversas, com o simples objetivo de ser compreendida. Com isso, a análise sociolinguística do presente ensaio é feita a partir da relação linguagem-sociedade e do contexto social em que os participantes estão inseridos, com destaque ao conceito de variação social dado por Alkmin.

A primeira gravação transcrita a ser analisada é um diálogo entre membros de uma mesma família. A gravação foi feita de maneira espontânea, visando à identificação do não monitoramento na fala. As transcrições de ambas as gravações foram feitas a partir das normas de transcrição e do auxílio da obra “A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre”, organizada por José Gaston Hilton (2009).

Diálogo em um núcleo familiar

Duração: 1’37

Participantes:

1. Homem, 73 anos, casado, empresário e aposentado, ensino básico completo, nascido em Santa Vitória do Palmar (RS), reside em Passo Fundo há 38 anos.
2. Homem, 53 anos, casado, empresário, ensino básico completo, nascido em Pérola D’ Oeste (PR), reside em Passo Fundo há 37 anos.
3. Mulher, 46 anos, casada, corretora de seguros, ensino superior completo, nascida em Carazinho (RS), reside em Passo Fundo há 38 anos.
4. Mulher, 77 anos, casada, aposentada, ensino básico completo, nascida em Canoas (RS), reside em Passo Fundo há 38 anos.
5. Mulher, 19 anos, solteira, professora, cursando o ensino superior, nascida em Passo Fundo (RS).

A conversa já estava em curso quando começou a ser gravada.

(transcrição adaptada)

1. e capivara.../ o Tilelo que era um...forTÃO né...pegô uma capivara daquelas ( ) botô nas costa aqui...atravessô aqui e foi 'mbora ((respiração)) ( ) lá cheGAMos... no Hermenegildo o véio tava virado em carrapato ((respiração)) capivara o bicho que mai tem carrapato ( ) sabe que carrapato gruda assim e fica sugando assim que nem ( )
2. a gente tinha muito nos...no gado né antigam/ hoj/ como tem vacina hoje não tem mais

- [
1. não
2. mas lá na roça...antigamente... no interior...era::
3. sim...se alimentá dos bicho
2. era agarrado aqui

((conversas simultâneas inaudíveis))

2. viviam né...viviam né...o/ tu tinha que alimentá o gado com os carrapato junto né porque eles...vivem do sangue

- [
4. puxá:: não:: não dá... é

1. vivem do sangue é ( ) sanguessuga né... sanguessuga ((pausa)) sanguessuga também vive de sangue né... sanguessuga gruda assim e:: sabe já viu sanguessuga?
5. Sim... nunca vi mas:: sei

- [
4. sanguessuga é:: na água né... na água

2. é uma minhoca... é uma minhoca

1. é tipo uma lesminha assim preta

4. mas daí é na água né

1. e daí ela gruda assim e ela fica puxando assim... tem um filme dum cara uma vez

5. tem... eu já vi

- [
3. tem o do Rambo...eu lembro do Rambo

2. não é o Rambo... é o::

- [
1. não

1. não não é ( ) um cara que um navio/ num barco

2. é num barco... ele é... ele é:: um terrorista que tá num barco

- [
1. i::sso

2. e ele vive dentro/ ele entra numa banheira/ só que ele tem uma doença

1. sim ele é ( )

2. que ele precisa:: ((conversa é interrompida)) e o sanguessuga suga o sangue dele por que o sangue dele é de meTAL tem um tipo de metal e aí ( )

[

1.  
daquilo 2. pra puxá... pra limpá o sangue

aham... porque ele precisa

5.  
sangue suga 2. o sangue suga o sangue  
5. o sanguessuga suga o sangue

[  
o sanguessuga.... o

Iniciamos a análise da presente transcrição esclarecendo o Contínuo de Monitoração Estilística. “Nesse contínuo, vamos situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante”. No caso do áudio transcrito, podemos identificar uma fala com menos, senão nada, de monitoração. Vamos analisar os fatos que justificam essa proposta: presenciamos uma conversa espontânea, em um ambiente pequeno, com apenas cinco pessoas envolvidas, e familiar. Todos são membros da mesma família, conhecem suas histórias e origens e não veem necessidade em polir suas falas para se adaptar à determinada situação. Os envolvidos começam contando histórias do passado, seguindo para uma discussão e finalizando com brincadeiras e piadas, o que evidencia a falta de linearidade nos eventos contados e nos dá abertura para falarmos do Contínuo de Oralidade-Letramento. O diálogo apresenta eventos de oralidade, “em que não há influência direta da língua escrita”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62).

Passamos a análise para o Contínuo de Urbanização. Conforme Bortoni-Ricardo, 2004, p. 51, “Em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que recebem maior influência dos processos de padronização da língua [...]”. As falas dos locutores 3 e 5, apesar de menos presentes no áudio transcrito, entram nessa dicotomia pelo lado direito dessa linha contínua, o da urbanização. Sabemos que ambos foram criados e cresceram em áreas mais urbanas, com maiores acessos à educação e oportunidades de trabalho. Ainda assim, identificamos em suas falas marcas da oralidade que fogem da norma-padrão. Analisemos a primeira participação do locutor 3 no diálogo: “sim...se alimentá dos bicho”. Ao seguir o curso da história sobre carrapatos, o locutor faz uso da oralidade ao excluir o infinitivo “r” do verbo “alimentar” e pronuncia-lo com certa entonação, além de retirar o plural exigido na palavra “bichos”, traços extremamente comuns na oralidade, tanto para os que se encaixam no contínuo da urbanização, quanto no da ruralidade.

Em contrapartida, os locutores 1, 2 e 4 estariam encaixados em uma terceira variante desse contínuo, a qual chamamos de Zona Rurbana. “Os grupos rurbanos são

formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52). Os três locutores mencionados possuem em comum esse traço vindo da origem rural, com pais, avós e bisavós que possuem o mesmo passado, mas que, simultaneamente, vivem há muitos anos em áreas mais urbanas. Analisemos primeiramente algumas falas do locutor 1: além do já mencionado corte na pronúncia: “pegô”, “botô”, “atravesso”, “mai”, identificamos também algumas palavras não tão utilizadas, como por exemplo, o uso de “véio” ao se referir ao amigo do passado. Aos locutores 2 e 4, podemos fazer identificação de uma menor concordância na fala oral: “era agarrado aqui”, além das mesmas marcas da oralidade da qual mencionamos “alimentá”, “puxá”, “pra”.

Para a segunda etapa desse ensaio, traremos a transcrição de uma gravação feita em sala de aula. O áudio completo possui 19’23, mas faremos a análise apenas de alguns cortes.

Gravação de uma sala de aula (antes da aula começar)

Duração: 0’30 – 1’23

1’41 – 2’04

Participantes:

1. Mulher, 19 anos, solteira, professora, cursando o ensino superior, nascida em Passo Fundo (RS).
2. Menina, 9 anos, ensino básico incompleto, nascida em Passo Fundo (RS).
3. Menino, 9 anos, ensino básico incompleto, nascido em Passo Fundo (RS).
4. Menina, 9 anos, ensino básico incompleto, nascida em Passo Fundo (RS).

(transcrição alterada)

1. eu vô pegá um chazin’
2. eu também prô depois...vô pegá agora
3. pegá uma aguinh’
4. o chá é rosa
2. pois é é de frutas vermelhas
3. comé que pega copo?
1. aperta e puxa

2.  
quente

1. puxa o copo
3. não consigo

[  
aperta e:: meu deus tá

2. prontinho só um pouquinho... gente qua'que é meu amendoim agora
1. oi?
2. qua'que é meu amendoim...acho que é esse daqui
3. qual que é a água gelada?
2. a que tá escrito gelada
- ((risos))
- ((pausa comprida))
3. eu vô segura o copo que daquela vez a gente voô co' copo na escola...oxi::
1. ok let's go...let's go
2. professora dá pra come na sala?

[

- 4.
- teacher
1. hoje dá
- ((corte na gravação))
1. qué pegá mais uma pode pegá não tem problema
3. ((comemoração))
4. eu vô pegá mais uma pipoca também
2. eu não já peguei ( )
4. vai pegá tudo as pipoca (**nome do aluno a quem se dirigia**)
3. que que tem eu to com fome
4. já é a quarta que tu pega em/
- ((inaudível))
2. pro::fessora... me morri de susto
1. o que::
2. nossa...pensava que era uma peSSOA lá
1. eu sempre acho também...eu me assusto toda vez que eu olho

Antes de iniciarmos essa análise, considero importante trazermos a descrição de Alkmim ao falar de variação social, a qual ela aponta como fragmentada em alguns fatores que justificariam seu funcionamento. São eles: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social. É importante termos isso em vista ao identificarmos alguns marcos específicos na presente transcrição. (ALKMIM, 2001, p. 35)

Os locutores em estudo são crianças que ainda não completaram o ensino básico e, apesar de fazerem parte de uma classe social mais alta e, em sua maioria, serem estudantes de escolas particulares, os fatores que mais influenciam esses diálogos seriam, a partir da visão de Alkmim, suas idades – todos possuindo 9 anos – e sua situação social, a qual nesse caso colocaremos como a situação escolar, ou seja, estudantes do 4º anos do ensino fundamental.

Começaremos então nossa análise priorizando o Contínuo de Monitoração Estilística. Na transcrição, identificamos uma fala não monitorada, mas com mais monitoramento do que a transcrição vista anteriormente. Isso se explica devido ao ambiente em que os locutores se encontram, o qual exige maior rigidez e controle da fala



por parte dos adultos, assim como das crianças, que entendem que o ambiente escolar, apesar de já ser familiar a eles, requer uma conduta diferente da qual eles apresentam em um ambiente familiar, como suas casas.

Seguimos a análise identificando aqueles traços da fala que mencionamos na transcrição anterior. Podemos detectar em todos os locutores traços orais mais comuns que podem passar despercebidos: “vô”, ao invés de “vou”, “pegá”, “comé”, ao invés de “como é”, “voô”, ao invés de “voou”, e alguns mais marcantes que, apesar de não causarem estranhamento, são notados com mais facilidade, por exemplo, “qua’que”, ao pronunciar as palavras “qual que é” mais rapidamente, o aumento da palavra “vez” ao pronunciar-la como “veiz” e até o encurtamento da palavra “com” ao excluir a letra “m” no final.

Além das palavras isoladas, podemos analisar as sentenças completas ditas pelas crianças. Algumas mais simples, dentro do seu entendimento e colocação de acordo com seu nível de escolaridade, como por exemplo com o diálogo “o chá é rosa / pois é de frutas vermelhas”, algumas até mais complexas como “já é a quarta que tu pega em/”, na qual conseguimos identificar um elemento oculto (nesse caso, pipoca), que mesmo assim se faz entendido, uma menção de quantidade e de tempo. Além disso, é possível identificar ainda sentenças gramaticalmente incorretas, tendo em vista as idades e escolaridades em questão, como “me morri de susto”. Considerando que temos total compreensão do sujeito, do verbo e do complemento verbal na oração, percebemos a intenção da fala sem qualquer obstáculo, mesmo que sua colocação fuja da norma-padrão.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S.M. O Português Brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p 51-70.

ALKMIM, Tânia; CAMACHO, Roberto. Sociolinguística. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p. 23 – 50.

HILBERT, José Gaston (org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009.

## Variações linguísticas de um povo

Lauren Valendorff Candeia

Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade e como a importância no campo educacional é no ensino de Língua Portuguesa ajuda a perceber as diferenças realidades linguísticas que existem no âmbito social e nesse espaço social encontra-se a escola e o local de convivência de cada indivíduo.

O homem é um ser social. Não há nada mais verdadeiro do que essa afirmação já bastante comentada desde Aristóteles. Afirma-se que o homem é um ser social, conseqüentemente, demanda a necessidade que ele tem de se comunicar. A língua é o meio pelo qual ele expressa as suas ideias, as da sua geração, da comunidade a que oferece ela não deixa de ser um retrato de seu tempo.

Cada falante é um usuário e agente modificador de seu idioma, nele imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Podemos destacar que a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo. Assim devemos ter claro que mudanças sociais produzem mudanças na língua, a estrutura social pode influenciar ou determinar a estrutura do idioma ou seu comportamento.

De acordo com Alkmim( 2003) a ligação entre linguagem e sociedade é inquestionável e a base da constituição do ser humano.

A Sociolinguística deve demonstrar a variação sistemática das variações linguísticas e sociais, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação, pois toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. Qualquer língua falada exhibe variações, nenhuma língua apresenta entidade homogênea. Todas são representadas por um conjunto de variedades.

- **ENTREVISTA**

Entrevistada uma argentina de 28 anos, se mudou para o Brasil com 23 anos, casou-se com um brasileiro e mora atualmente no Brasil. Essa conversa foi gravada, após a chegada do seu trabalho

**Valéria:** O mesmo café que ela prometio tinha no refeitório, só o (Di)ferente era o pão né, mas eu.. o resto era todo igual. hoje no refeitório tinha ãh... tinha mostarda, tinha maionese ca(se)ira, tinha keptiue, o molio tava bien temperadinho, os cacetinhos eram grande todo isso asi. lá no café que a gente foi o único diferente que tinha lá era o hambúrguer

porque quando eu cheguei na empresa, Letícia disse para mim tem que falar as coisas porque daí se tu fica caLIADA, daí ela só me ouviu e disse: nossa tu é muito direta e eu disse nooo é falta de organização. e otra cosa mas (ela disse no sentido Mais) eu no aceito que tua funcionária fale que eu só venha pelo café e não tenha comida em casa e é ela primeiro que está sentada lá, falou pra eu. eu fale para ela óó.. olha qui, se tu é a mulher maravilha que no precisa de alimento pra trabajar, parabiens pra você.

**Lauren:** E como está a Tainá no ônibus??

**Valéria:** Ela está calma, ouvi hoje que ela, que a mulher do refeitório não deixou ela passar,daí daí tiegou( de chegar),cansada falou tenho fome e ela não me deixa passar lá e eu faliei as cosas para ela.

**Lauren:** Conversei com ela sobre o fato de não ter como escapar desse meio, pois é trabalho.

**Valéria:** Após isso o marido que é brasileiro pergunta quem falou isso dela.. noo porque tu vai ecomodar e aí tu vai ir e perguntar sobre.

Analisando a entrevista feita com uma estrangeira Latina respondendo, podemos perceber claramente a falta de monitoramento na fala, não podemos dizer que o registro dos traços fonológica são graduais e descontínuos pelo fato que ela não é uma falante nativa da língua portuguesa e não nasceu em uma região nativa daqui, ocorre bastante "erros" de fala e escrita que são comuns pelos estrangeiros, mas o que me chamou mais atenção foi ela usar gírias com sotaque, gírias e expressões daqui, como **guria**, uma forma de fala no Rio Grande do Sul quando se está falando sobre uma menina ou quando ela conjuga o **Tu** da maneira como os gaúchos pronunciam da forma "errada" de acordo com a gramática, ela também não fala pão francês ou simplesmente pão e sim "cacetinho", típico jeito gaúcho. Podemos notar muito a influência de brasileiros no cotidiano em requisito de gírias.

Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas - gerações sucessivas de indivíduos ligam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são partes da história das línguas. Em virtude de relações

políticas, culturais, comerciais com outros países, é natural que o léxico português tenha recebido (e continue recebendo) empréstimos de outras línguas modernas.

Bloomfield dividiu os empréstimos entre culturais e íntimos. São empréstimos culturais todas as aquisições estrangeiras feitas em virtude de relações políticas, comerciais ou culturais com povos de outros países. Estes empréstimos ocorrem entre línguas vizinhas e depende do grau de compreensão mútua entre as línguas. Na Língua Portuguesa, os empréstimos culturais provêm de contatos com o francês, com o espanhol, com o italiano, com o inglês, principalmente, além dos contatos orientais pela expansão colonial portuguesa nos séculos XV e XVI.

Mas no caso dessa minha amiga ela está falando *Portunhol* que indica uma mistura entre português e espanhol que objetiva a interação e a comunicação imediata. Chama-se também *portunhol* a forma de falar dos aprendizes que estão em níveis iniciais e que realizam mesclas entre os idiomas. É visto como problema a ser superado, ainda que seja um processo normal. Isso acontece porque ambos idiomas vêm do latim, mas no amplo caminho que percorrem as palavras até hoje, somado a fenômenos semânticos e de interferência linguístico- cultural, acabaram adquirindo sentidos opostos.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S.M. O Português Brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p 51-70.

SIQUEIRA, Gisele Martins; AGUIAR, Maria Suelí de. Linguística histórica comparativa e formação do léxico da língua portuguesa. In: *II Simpósio Nacional de Letras e Linguística I Simpósio Internacional de Letras e Linguística: Linguagens, História e Memória (25 anos do curso de Letras, Campus Catalão)*. Catalão-GO, p. 381-394, 2011

## Contínuos da variação alemã e portuguesa

Lucas Schons Mayer

A sociolinguística é um ramo da linguística que estuda a relação entre a linguagem e a sociedade. É um estudo descritivo do impacto em todo e qualquer aspecto da sociedade, incluindo normas culturais, expectativas e contextos, o impacto na forma como a linguagem é usada e o impacto do uso da linguagem na sociedade. O objeto da sociolinguística é a língua falada que é observada, descrita e analisada em seu contexto social em situações reais de uso que no decorrer do tempo muda para se adequar ao seu falante

Qualquer estudo sociolinguístico deve começar com uma análise cuidadosa de uma comunidade porque quanto mais complexa sua estrutura mais heterogênea é o uso da língua pela comunidade. Os fatores sociais que têm maior impacto na variação linguística dentro de uma comunidade são sexo, idade, nível educacional, nível sociocultural e etnia a que um determinado grupo pertence nem todos os fatores devem funcionar da mesma forma em todas as comunidades. Além disso, para cada comunidade é preciso considerar o contexto em que está inserida, ou seja, suas coordenadas sociais, geográficas, culturais, econômicas, históricas e temporais. As consequências da variação linguística afetam principalmente os planos fonológicos da linguagem.

A variação linguística pode acontecer em quatro tipos diferentes: diacrônica, que inclui os aspectos históricos, diatópica, envolve um aspecto regional; diastrática, que envolve o contexto social, e a variação estilística. Porém, o foco maior do ensaio envolverá a VARIACÃO DIATÓPICA, que é o tipo de variação linguística que se manifesta em virtude das diferenças geográficas. Nesse sentido, os falantes dentro de uma mesma nação, neste caso o Brasil, apresentam certas diferenças linguísticas de acordo com a sua região. No caso de diferenças regionais, isto é observado por conta da proximidade linguística decorrente do processo de colonização.

A imigração alemã no Brasil foi o movimento migratório ocorrido nos séculos XIX e XX de alemães para várias regiões do Brasil. As causas desse processo podem ser encontradas nos frequentes problemas sociais que ocorriam na Europa e a fartura de terras no Brasil. Os alemães estavam entre as nacionalidades que mais conseguiram preservar sua cultura devido ao seu isolamento em regiões de difícil acesso, sobretudo nos estados sulistas, foi possível a criação de diversas colônias predominantemente germânicas sem

o conhecimento do idioma português, porém, com o tempo, os traços dessa língua foram tornando-a mais frágil, mas as influências persistem mais ou menos até os dias atuais. Como exemplo, pode-se citar um pequeno número de brasileiros de origem alemã que ainda hoje falam o alemão.

Para fins acadêmicos ao estudo da sociolinguística tendo em vista a comunidade para a realização desse artigo, foi entrevistado um cidadão brasileiro com uma decência alemã, seu Affonso L. M., que carrega traços dessa cultura principalmente no falar, pois existem palavras que são esquecidas no português (segunda língua aprendida por ele) ou palavras que não foram aprendidas devido sua baixa escolaridade. Também podemos notar que é uma fala totalmente rural e apresentou um baixo nível de monitoramento mesmo sabendo que estava sendo entrevistado. Também por ter baixa escolaridade não utiliza palavras complexas ou pertencentes a um padrão culto da língua, nota-se uma linguagem muito informal pois está contando fatos da sua vida pessoal, então, por natureza, utiliza uma fala mais livre e, como mencionado antes, uma fala com baixo monitoramento. Isso se deve também às circunstâncias de ser um cidadão de 88 anos, pois analisando a linguagem desse homem que vem de uma colônia onde predominava o alemão vindo a outra cidade obrigou-se a aprender o português para poder comunicar-se com as demais pessoas, e essa necessidade de aprender outro idioma, segundo esse senhor, atingiu várias pessoas que migraram da cidade de Monte Negro para Chapada, as quais tiveram de passar por uma espécie de bilinguismo para poder se adaptar e sobreviver.

Segue abaixo a transcrição de um áudio com uma conversa informal sobre uma aventura de criança com o seu amigo.

“Quando nós morava lá no “buta perish”..eu e o véio Medim nós trabaiava de manham ai de meio nós ia princa num pé chuats rets...daí o véio medim princando me caí de lá... achei que tinha quebrado uma costela...ele quase “caputs “ quando o paba viu..... “main ne cot namola”... nós apanhemo tanto... mas tampem nao trepemo mais em árvore.”

“buta perish” (Morro da Manteiga)

“chuats rets” (árvore denominada guajuvira)

“main ne cot namola” (meu Deus do céu)

“caputs “(morrer)

As palavras acima não estão escritas no padrão culto da língua portuguesa ou alemã, pois não há indícios dessa língua escrita por ser um dialeto de origem alemã que foi sofrendo alterações com o passar do tempo e não foi ensinada em escolas. Essas palavras foram escritas como faladas, portanto registram evidência de bilinguismo.

## **REFERÊNCIAS**

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 30- 76.

PORTO EDITORA - *sociolinguística* (linguística) na Infopédia. Porto: Porto Editora. [consulta.2022-07-0523:30:37]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$sociolinguistica-\(linguistica\)](https://www.infopedia.pt/$sociolinguistica-(linguistica))

## **A variação rurbana na fala de uma descendente italiana**

Lucas Martins Favaretto

A língua tornou-se um complexo esquema de variações e diferenças que acabam tornando-a uma característica humana completamente especial e interessante.

Atualmente, com mais de 200 milhões de brasileiros, nossa língua possui uma imensurável e incrível variedade linguística.

Em nossa sociedade atual, ainda é possível ver um enorme movimento de migração do interior para as grandes cidades e, com isso, evidenciam-se as diferentes formas do falar na boca da população. As diferenças na língua mostram-se cada vez mais relevantes nos estudos contemporâneos da Sociolinguística, visto que o número de pessoas com uma fala considera “urbana” e outras com suas falas mais “rurais” ocupam os mesmos espaços.

Com a aproximação de diferentes grupos sociais surge, então, a fala “rurbana”. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), os grupos considerados rurbanos são formados por migrantes que possuem origem rural e preservam seu repertório linguístico e sua cultura interiorana, mas que são submetidos à mídia e até mesmo a tecnologia que se faz presente no meio agropecuário e expondo, desta maneira, o grupo à influência urbana em suas culturas.

Visando ao estudo e aprofundamento no contínuo rurbano, uma entrevista foi realizada com Maria Zenira Favaretto, residente de Passo Fundo há 52 anos que nasceu e morou boa parte de sua vida em São Caetano, uma comunidade no interior de Água Santa – RS. Em busca de não interferir no modo como ela fala e no grau de monitoramento de sua fala, o diálogo gravado fala sobre a receita de um doce de origem italiana.

-Na época era a cueca virada, a gente fazia pra toma café, lanche, pra te quando chegasse uma visita. Pra come acho que era isso...

-Ele pode ser feito... tem vários jeitos né?

-Você pode fazer ele mais sequinho, pode fazer eles e depois passa açúcar refinado, aí se quer bota um pouco de canela – tem gente que gosta – fica bom. Uma vez nós botava, mas agora é diferente, cada um bota do seu gosto daí né... E que mais que a gente fazia com o grustoli? Toma café, era a tradição daquela época, era uma comida bem italiana mas bem acompanhada em tudo, no chimarrão.

-E a receita dele?

-E a receita é quatro ovo, quatro colher de açúcar, quatro colher de azeite, quatro colher de cachaça e uma pitada de sal.

-E faltou como que faz.

-Mistura tudo numa bacia e depois vai botando a farinha pra... até da o ponto de espicha. Ela a massa nós espichava em cima da mesa lá fora com rolo né, assim, tem que botar a farinha até o ponto que dá certo. E vai uma colherinha de Royal também. Por exemplo se você quiser, que ta pouca a receita, que ta pouquinho, dobra a receita essas coisas pode dobra quantas vezes quise... Ao invés de quatro bota oito, bota doze colher né. Daí o açúcar também fica a gosto pra passa, passa se quer se não simples ele é até melhor.

O grustoli, também conhecido como cueca virada, é um doce que sempre está presente na cada de Dona Zenira. Desde os tempos em que morava com sua família na



roça, um ambiente extremamente rural, até os dias de hoje, em que mora em um ambiente urbano.

Assim como a tradição desta comida típica de sua família italiana, a forma em como a entrevistada conduz sua fala carrega até hoje características rurais. Bortoni-Ricardo (2004) explicita em sua obra “Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula”, que os falantes rurbanos carregam traços de sua origem rural, misturando-os ao que encontram na zona urbana.

Nota-se que a fala de Dona Zenira, ao ser analisada no contínuo de urbanização, possui diversas características rurais, como o som do “RR”, que em algumas ocasiões sai como somente “R”. Sua fala, além de tudo, deixa transparecer um sotaque mais interiorano, com fonemas mais fortes ou puxados em alguns casos. Ao analisar outro contínuo, o de monitoração estilística, nota-se que o nível de monitoramento da entrevistada com sua fala é baixo, visto que é uma conversa informal sobre a receita de uma comida típica com seu neto.

As variedades linguísticas existem e, acima de tudo devem ser respeitadas, visto que mesmo que não esteja conforme a norma culta da língua, não podemos julgar como algo errado pois, a língua está na boca do falante. A entrevista realizada com uma falante localizada no rurano dentro do contínuo de urbanização evidencia o que já foi dito, quem faz a língua é o falante. Mesmo não falando de acordo com o padrão da norma culta do Português, a fala de dona Zenira é completamente compreensível no meio urbano mesmo com suas características rurais. Assim, esse estudo ratifica a necessidade da compreensão das variações linguísticas e do respeito com as mesmas.

## **REFERÊNCIAS**

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

### **A variação da língua moderna: as gírias**

Lucas Wenning do Nascimento

Quando falamos do estudo da língua, logo pensamos nos grandes estudiosos que em suas análises mostraram que a língua está viva no falante e em constante movimentação no decorrer dos anos. Uma área em que podemos notar essas mudanças

da língua é a da sociolinguística, que busca estudar o uso da língua a partir do ponto de vista social, como a comunicação humana através do ambiente em que a pessoa está inserida.

E por meio destas análises, nota-se uma grande variação na língua nos tempos atuais, como conseguimos perceber, os falantes possuem uma maneira própria de se expressarem. Os jovens, por exemplo, fazem o uso de uma variação da língua culta para se comunicar com as pessoas do seu ciclo social, como as gírias.

A gíria é usada em um contexto informal de conversação, são palavras que fogem dos padrões formais de uma determinada região. A gíria, na maioria dos casos, pertence a um pequeno grupo, através de seus membros, criam códigos, expressões e maneiras que os identificam, como por exemplo os rappers, grafiteiros, tatuadores e etc.

No entanto, se formos nos remeter ao passado, a gíria, muitas vezes, foi vista como um símbolo da periferia e da marginalização. De acordo com o autor Carlos Alberto Faraco (São Paulo: Parábola Editorial, 2005, página 30, capítulo 2: a percepção da mudança), no livro *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*: “Em linguística, uma das maneiras de começar a fazer isso é acostumar-se a olhar a língua como uma realidade heterogênea, buscando compreender as bases dessa heterogeneidade, porque é justamente a variedade da língua no espaço geográfico, na estrutura social e no tempo uma das realidades que mais reações sociais preconceituosas suscita”. Em seu estudo ele diz que: “Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala: como ele se constituiu, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante”. (Faraco, Carlos Alberto, *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*, São Paulo: Parábola Editorial, 2005, página 32, capítulo 2: a percepção da mudança.)

Para compreendermos melhor as gírias, buscamos analisar esse movimento no uso do falante, por isso, fizemos uma entrevista com um jovem que tem o hábito de se expressar com gírias, em nossa análise, nota-se que ele pertence a um grupo fechado, possui muitas destas características do urbanismo, já que, ele vem de uma cidade chamada Jaraguá – SC, em conversas com ele, pode-se notar a forma diferente de se expressar. Como por exemplo, quando falávamos sobre o que ele iria fazer depois do trabalho. E ele dizia que ia jogar basquete e estudar “depois do *trampo*”, esse “*trampo*” estava se referindo ao *trabalho*.

Esse *trampo* tem características de urbanidade. O entrevistado, possui uma oralidade com pouco monitoramento na sua fala e também possui um traço descontínuo.

Uma outra palavra que ele sempre fala é “*baia*” essa palavra está se referindo a sua casa, por exemplo, “*lá na baia*” ele está dizendo “*lá em casa*”.

Podemos perceber, através desses exemplos uma similaridade no uso, embora sozinhas as palavras possuem um sentido diferente, mas no uso em uma frase, pelo orador cria um sentido, como veremos a seguir.

Se formos analisar a palavra *baia*, veremos que se refere ao confinamento ou casa de cavalo, contudo, em um ciclo social entre jovens, esse termo está criando um novo sentido, já que eles buscam remetendo o sentido a suas casas. Pegamos o exemplo já citado: Vamos lá em *casa*, seria um convite com uso da linguagem sem gírias, contudo, no sentido social os jovens que usam as gírias eles fariam “Vamos lá na *baia*”

Essa palavra “*baia*” tem um traço gradual, já tendo em vista que apenas mudaria sua forma de sentido, também pertence ao meio urbano, está entre a oralidade e o letramento, quando feita a entrevista percebesse que ele tem um monitoramento em sua fala, mas quando se empolga na narração acaba saindo da norma culta e se expressando através da gíria, alterando seu significado semântico.

Foi Carlos Alberto Faraco (São Paulo: Parábola Editorial, 2005), em seu livro *Linguística histórica*, no capítulo 2: a percepção da mudança, quem explica que a língua está em movimento, mas nunca perde seu caráter sistêmico e oferece aos falantes os recursos necessários para a circulação dos significados, embora essas mudanças ocorram de forma lenta, nos permite percebermos que essas alterações ocorrem no fluxo histórico no cotidiano do falante.

Por tanto, a gíria ainda não atinge todos os falantes, ela está em uso em grupos pequenos de pessoas de culturas e realidades diferentes. Percebe-se que o entrevistado vem de uma realidade diferente dos demais, por sua família pertencer de outro estado eles estão em um pequeno grupo fechado de pessoas que falam gírias corriqueiramente.

E é através desses pequenos grupos que as gírias “circulam” entre os falantes, criando uma nova forma de se expressar e de se identificarem com os demais, embora ainda seja uma forma diferente ou mal vista por muitos falantes.

Acredita-se que cada indivíduo tenha uma maneira própria de se falar e de se identificar, portanto, não cabe a nós julgarmos o outro por ter uma característica linguística diferente daquela que sociedade tenta impor, sem antes saber o contexto histórico do indivíduo.

## **REFERÊNCIAS**

Faraco, Carlos Alberto, 1950 - *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas* / Carlos Alberto Faraco. — São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

### **A língua como um atributo social**

Marcelo dos Santos

A sociedade, desde o início da sua organização, conta com a linguagem como forma de comunicação. Hoje muito se fala da importância da língua escrita, mas foi a comunicação oral primitiva que deu início a esse ciclo de desenvolvimento humano. A língua só existe em função de seus operadores. São os usuários da língua que garantem sua continuidade e é através da fala que ela é posta em uso. Mas existe um problema nessa

interdependência entre língua e fala. Enquanto a língua é considerada um sistema fechado com suas próprias regras e limites, a fala apresenta outra característica, ela depende unicamente do falante e a aplicação da língua, feita por ele, surge como representação da sua identidade, assim como do grupo social a que pertence. Se cada indivíduo, ao fazer uso da língua, deposita nele traços de sua identidade e da sua comunidade de fala, como é possível que uma língua resista ao grande número de variações linguísticas presentes nas infinitas possibilidades de utilização pelos falantes? Foi para responder a esse tipo de questionamentos que surgiram as investigações sociolinguísticas.

Os estudos de uma linguística voltada ao social tiveram início a partir do século XX, com grandes teóricos como: Marcel Cohen, Antoine Meillet, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin e Roman Jakobson. Surgiram perspectivas diferentes entre os teóricos que abordaram essa temática, mas cada uma teve um papel indispensável na construção das noções que temos hoje acerca da Sociolinguística. O termo Sociolinguística surgiu no ano de 1964 a partir de um congresso realizado nos Estados Unidos, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde reuniram-se vários estudiosos que apresentaram seus trabalhos relacionados à linguagem e sociedade. Tânia Alkmim (2001) menciona que William Bright, organizador do congresso, identificou, posteriormente, um conjunto de fatores que se supõe estarem relacionados com as diversidades linguísticas, devido as suas características socialmente definidas. Alkmim (2001) explica quais são esses fatores ao elencá-los como:

- a) identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) o contexto social – relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existente na grande maioria das línguas;
- d) o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, às atitudes linguísticas. (ALKMIM, 2001. p. 28-29, grifo do autor.)

A Sociolinguística, segundo Alkmin (2001), caracteriza-se como a ciência que estuda a língua falada, observada, descrita e analisada socialmente, isto é, em situação de uso real. Suas investigações partem das comunidades linguísticas, grupos de falantes que compartilham os mesmos hábitos languageiros, e buscam comparar e relacionar as variações linguísticas a fatores que podem explicar esses fenômenos. Alkmin (2001) assevera que todas as línguas apresentam uma continuação histórica, em que os indivíduos herdam de seus antepassados a forma de uso da linguagem, através do contato ao adquirir a língua quando criança e, junto a isso, as variações de uso na língua falada. Além do fator histórico, podemos pontuar outros, como: a variação geográfica, que se refere à região onde se encontram as comunidades de fala, e a variação social, grupos favorecidos ou desfavorecidos, homem ou mulher, jovem ou idoso, etc.

O indivíduo falante organiza seus enunciados, conforme sua realidade, experiência, vivência ou momento atual. Nas variações geográficas, por exemplo, não se pode esperar que uma pessoa que vive no interior do Rio Grande do Sul apresente em seu modo de falar os mesmos, ou semelhantes, arranjos sintáticos do que uma pessoa que vive no interior de Minas Gerais. É certo que essa diferença não impede a comunicação, mas causa estranhamento. De modo igual, acontece ao defrontarmos pessoas de classes sociais muito distintas, com idades muito diferentes ou em contextos sociais diversos, “um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. e segundo a situação em que se encontrar.” (ALKMIM, 2001. p. 39). Nenhum desses fatores impede a comunicação, mas a variação entre eles causa, muitas vezes, algum tipo de constrangimento para uma das partes, essa é uma das principais causas do preconceito linguístico.

Sempre que algo apresenta mais de uma forma de apresentação uma delas será considerada melhor, mais valorizada, mais adequada, e com a linguagem não é diferente. Entre as comunidades linguísticas com variações geográficas sempre será mais valorizada a maneira de usar a língua da região que apresenta maior relevância sobre a outra, que tenha a maior importância nacional ou o maior poder econômico. No caso da interação entre jovens e idosos a tendência é valorar mais a variação utilizada pelos mais jovens, considerada mais atualizada em relação à utilizada pelos idosos, e quando nos referimos às classes sociais não resta dúvida de que o uso da língua pela elite se sobrepõe ao uso pelos grupos desfavorecidos. Mesmo ao considerar subdivisões nos grupos já citados é provável encontrar marcas dessa hierarquia linguística, pois “em todas as comunidades

existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.” (ALKMIM, 2001. p. 39).

A partir da classificação, de melhor ou pior, feita sobre as variedades de uso da língua surgiu a variedade padrão. Também chamada de norma culta, a variedade padrão é um conjunto de normas preestabelecidas para o uso da língua, com o objetivo de padronizar sua aplicabilidade, sem considerar as variações, independente dos fatores que as estabeleçam. A norma culta foi criada sem levar em conta uma variação dominante em quantidade de falantes, foi dada preferência ao modo de uso da alta sociedade, conferindo-lhe maior prestígio perante todas as outras variáveis. A norma padrão serve como base de referência para o ensino da língua, sendo adotada em escolas e exigida em ambientes formais. Apesar do *status* de estrutura perfeita, a norma padrão não pode ser considerada superior ou melhor do que outras formas de usar a língua, pois “Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”. (ALKMIM, 2001. p. 41). É perceptível que o julgamento social que recai sobre a variabilidade linguística não tem relação com língua, com linguagem ou linguística, tem a ver com valorações sociais e políticas.

Não basta falar em variações linguísticas sem apresentar uma classificação que defina suas particularidades, bem como exemplos que comprovem a existência de tais variações. Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma sistematização sobre a variação linguística no Brasil e apresenta três linhas para seguirmos analisando, às quais chama de contínuos, são eles: *contínuo de urbanização*; *contínuo de oralidade-letramento*; *contínuo de monitoração estilística*. A partir desses três contínuos, é possível observar as inúmeras formas de variação na língua em uso, em qualquer comunidade linguística e evidenciar que, mesmo fazendo parte um mesmo grupo social, os indivíduos tendem a apresentar variações linguísticas que reforçam o caráter identitário da língua.

Em primeiro lugar, no contínuo de urbanização é feita uma distinção entre os *falares rurais*, desprovidos de ferramentas e experiências linguísticas, mais isolados, em que os falantes têm pouco ou nenhum acesso à norma culta da língua e os *falares urbanos*, caracterizados por grupos altamente letrados, conhecedores e usuários da norma culta da língua. Esses dois são postos em dois polos, os mais aceitos pela sociedade e os mais estigmatizados. Bortoni-Ricardo (2004) adota a representação do contínuo de urbanização dessa maneira:



variedades  
rurais isoladas

área  
rurbana

variedades  
urbanas  
padronizadas

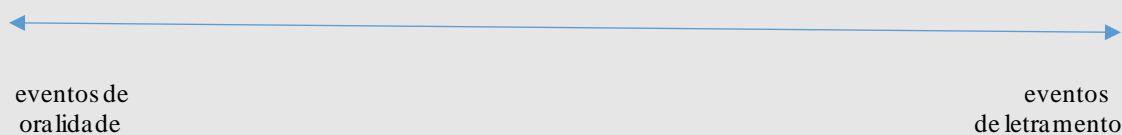
Em um dos extremos encontram-se os falares rurais, representados pelas variedades rurais isoladas. São os grupos com menor acesso ao letramento, às informações e menor contato com a norma padrão da língua. No outro extremo, os falares urbanos, que são as variedades urbanas padronizadas. São aqueles que possuem alto grau de letramento e fazem uso permanente da norma culta da língua. Entre os dois polos encontramos o que Bortoni-Ricardo (2004) chama de *área rurbana*. São classificados na variedade rurbana aqueles indivíduos que são de origem rural, mas migraram para áreas urbanas e passaram a adotar elementos linguísticos urbanos em seus vocabulários, também aqueles que sempre viveram na cidade, mas não têm acesso aos mesmos padrões de ensino oferecido à elite. Observando o esquema que representa o contínuo de urbanização é possível enquadrar nele qualquer variação linguística, podendo ficar mais próxima da variedade urbana ou da variedade rural, a depender do grau de proximidade com a norma culta da língua.

O contínuo de urbanização, segundo Bortoni-Ricardo (2004), apresenta, ainda, dois elementos analisáveis, que auxiliam na classificação das variações, são: os traços graduais e os traços descontínuos. O primeiro está presente na fala de todos os brasileiros, já o segundo representa as variáveis que recebem avaliação negativa nas comunidades e conseqüentemente são estigmatizadas pela sociedade em geral. Os traços graduais não representam a falta de letramento, são fenômenos que geralmente estão presentes na fala e quase sempre em função de redução de fonemas, como é o caso de *dexei* (deixei) ou *entrô* (entrou). Os traços descontínuos, por outro lado, representam sinais de menor grau de letramento e convívio em grupos de variedades rurais ou rurbanas, como no caso do uso da palavra *prantá* (plantar) ou *trabaia* (trabalha). A identificação dos traços descontínuos em uma interação é motivo, frequentemente, de piada e constrangimento ao falante, principalmente em ambiente onde normalmente se usa uma linguagem mais padronizada.

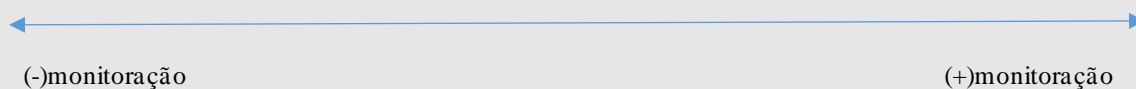
Outro fator a ser analisado é o contínuo de oralidade-letramento. Este baseia-se nos eventos de interação linguística, separando os que decorrem apenas da oralidade e os que são mediados pela língua escrita, em que existe a influência de um texto escrito. Em um polo os eventos de oralidade, realizado apenas pela fala, no outro polo eventos de



letramento, baseado em texto ou roteiro escrito. Bortoni-Ricardo (2004) representa da seguinte forma:



Em terceiro lugar, o contínuo de monitoração estilística. Neste contínuo classifica-se o nível de monitoração em que o falante se encontra, o qual se apresenta sob forma totalmente espontânea na interação ou sob forma planejada e acompanhada de muita atenção na colocação das palavras, buscando, assim, um alto nível de proximidade com a norma culta da língua. Um mesmo indivíduo pode apresentar formas mais ou menos monitoradas, a depender do tipo de conversação que se estabelece. Para causar uma boa impressão, “os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa.” (BORTONI-RICARDO, 2004. p. 63). Bortoni-Ricardo representa o contínuo de monitoração estilística assim:



As noções dos contínuos apresentadas por Bortoni-Ricardo (2004) são suficientes para serem aplicadas em análises de eventos de interação entre falantes, e a partir dessas análises podemos classificar os tipos de variedades linguísticas que se manifestam em cada comunidade linguística. Vejamos, agora, alguns trechos de uma entrevista realizada a três indivíduos da mesma família, um casal e um filho adolescente. O homem (H), de 51 anos, estudou até a quarto ano do ensino fundamental I e a mulher (M), de 52 anos, conta com ensino médio incompleto. Ambos passaram a maior parte da vida alternando entre morar em área rural e área urbana, atualmente vivem em área rural. O filho (F), de 15 anos, está cursando o ensino médio e viveu na maior parte do tempo em área urbana, os três estão morando no interior há aproximadamente 3 anos. O entrevistador (E) faz parte da comunidade familiar e a intenção era obter uma interação espontânea com pouco monitoramento estilístico, mas quando ele faz a pergunta apresenta sinais de monitoramento na fala, o que acaba ativando um alto grau de monitoramento estilístico

nos entrevistados. A conversa era sobre Covid-19 e as perguntas foram referentes à credibilidade da vacina. Seguem alguns trechos:

E: O que vocês pensam sobre a vacina?

Vocês se sentem seguros fazendo a vacina?

Será que a vacina auxilia na redução dos sintomas?

+rural -----O +urbano

+oralidade -----O +letramento

-monitoramento -----O +monitoramento

H: É, eu acredito que se não fizessem a vacina... não tivessem inventado ela ali, né... muita gente ia morrer. É bem claro que ela funciona, sim... A gente viu né? Diminuiu bastante os caso de morte.

+ rural -----O----- + urbano

+ oralidade -----O----- + letramento

- monitoramento -----O----- + monitoramento

M: Eu acho que agora, porque tem a vacina, todo mundo tá se descuidando e tá voltando de novo, entendeu? Eu também já fiz duas doses, o reforço eu não fiz ainda.

+ rural -----O----- + urbano

+ oralidade -----O----- + letramento

- monitoramento -----O----- + monitoramento

F: Eu também, mesmo sendo de um universo completamente diferente, assim dizendo, jovem né?!, faixa etária diferente, eu fiz minhas duas doses. Eu acredito que a vacina ajudou muito em todo esse pros... processo, tá... que tá acontecendo... esse progresso, também, na... na vacinação.

+ rural -----O----- + urbano

+ oralidade -----O----- + letramento

- monitoramento -----O----- + monitoramento

Como os entrevistados sabiam que a fala estava sendo gravada, é evidente que os três entrevistados estavam monitorando a fala e, com isso, as palavras foram selecionadas

na construção das frases. Em nenhum dos trechos da entrevista foram identificados traços descontínuos de variação linguística, apenas traços graduais, como: morre; os caso de morte; tá. Em todos os casos de traços graduais foi observada a redução de fonemas, variação que normalmente não gera avaliação negativa nas comunidades urbanas e nem é estigmatizada por elas. Também é perceptível que os três membros da comunidade de fala, apesar dos fatores distintos, como idade e sexo, mantêm um equilíbrio no estilo de fala, fenômeno natural dentro de um grupo de falantes que convivem juntos. Agora, vamos analisar outra ocorrência na mesma entrevista. Ao final das perguntas, quando todos acreditavam que aquela interação formal havia acabado, o estilo monitorado é deixado de lado e a fala espontânea surge com mais naturalidade. Observaremos, a seguir, trechos do diálogo entre o entrevistador (E) e a mulher (M), seguido da análise das variações:

M: Ah!... e os meus neto, meu amor, comé que tão?

E voceis... comé que tão?

+ rural -----O----- + urbano

+ oralidade O----- + letramento

- monitoramento O----- + monitoramento

E: Tamo bem, tivemo febre dois dia e zé finim.

As criança tão ranhenta.

+ rural -----O----- + urbano

+oralidade O----- + letramento

- monitoramento O----- + monitoramento

É possível perceber, nesse último diálogo, que houve uma alteração no evento de interação, causada pela quebra do estilo de monitoramento. O estilo espontâneo, nesse caso, removeu as barreiras provocadas pelas variações linguísticas monitoradas e foi possível observar a língua em seu uso real, mostrando, assim, sua plasticidade e seu potencial de comunicar. O entrevistador mobilizou a língua de tal maneira que conseguiu chegar a uma forma de comunicação em que as duas pessoas passaram a compartilhar o mesmo nível linguístico e a mesma classificação das variações. Isso demonstra a presença de uma competência comunicativa de adequação. Através da variação de estilo, observando os fatores que nos levam a aumentar ou reduzir a monitoração na fala, podemos nos adaptar a outros padrões de utilização da língua, pois “a competência

comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias.” (BORTONI-RICARDO, 2004. p. 73).

Após explorarmos algumas teorias e analisarmos casos reais de uso da língua, evidenciando suas variações e suas potencialidades de adaptação às comunidades linguísticas, podemos afirmar que a língua é um atributo social. A norma culta da língua é necessária para nortear o ensino e aprendizagem, como também para orientar o uso adequado em determinadas situações formais, não para servir como instrumento para promover a desigualdade social. A língua está no povo e pertence ao povo, com todas as suas variações e formas. Enquanto a língua, independente da maneira como é empregada, auxiliar os falantes a alcançar seus objetivos comunicativos, ela estará desempenhando seu papel fundamental, de unir as pessoas, somar conhecimentos e promover o desenvolvimento humano.

## **REFERÊNCIAS**

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: BENTES, A. C; MUSSALIM, Fernanda. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

### **Análise linguística dos sujeitos: a temporalidade e suas dissonâncias**

Maria Luísa Winik Drum

Este ensaio se destina à comparação dos registros da língua falada de indivíduos que se diferem em múltiplas esferas. Sujeitos distintos socialmente, economicamente e geracionalmente. Luiza, adolescente nascida em 2008 em um hospital no centro de Passo Fundo, e dona Vera, nascida em 1945, também em Passo Fundo. Seus registros foram

consentidos. A entrevista foi informal e feita em junho de 2022, e a pergunta era sobre como foi o último aniversário de cada um dos sujeitos. Luiza foi entrevistada pela plataforma do Whatsapp e dona Vera, pessoalmente.

Na fala de todos os sujeitos é possível observar traços de peculiaridades pertencentes ao próprio sujeito e sua realidade. Dona Vera, por exemplo, com menos acesso à informação e à escolaridade desde sempre, criada em uma Passo Fundo da primeira metade do século XX, conta histórias diferentes numa língua diferente, se comparada à Luiza, nascida em uma família com melhores condições socioeconômicas e estudando em escola privada desde o início de sua escolarização.

Elas trazem traços linguísticos diferentes entre si, o que faz com que se comuniquem diferentemente. Mas se houvesse um diálogo entre as duas, poderiam compreender uma a outra perfeitamente.

Isso acontece porque as línguas mudam, mas não perdem seu caráter sistêmico, continuam organizadas e oferecendo os recursos necessários para a circulação de significados entre os falantes. Carlos Alberto Faraco (2005) confirma isso em sua obra *Linguística histórica: uma introdução ao estudo das línguas*: “As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo (2005, p. 14)”. Essa dinâmica é o estudo da linguística histórica: as línguas humanas mudam com o passar do tempo.

Não só dona Vera, como nenhum falante, tem consciência de que sua língua está mudando. Ninguém pode dizer quando a língua passou a estar mais perto da língua de Luiza, ou quando ainda estava mais próxima da de dona Vera. Assim como não será possível saber quando a língua se distanciará da língua de Luiza e partirá para uma nova era da língua. Só é

possível perceber isso, como Faraco (2005) diz, no fluxo histórico do cotidiano de falantes, ou seja, observando a forma dos sujeitos de se comunicarem.

Mesmo que haja um fluxo de mudanças, a língua tem seu caráter estático. Isso se confirma quando dona Vera e Luiza conseguem dialogar. As duas poderiam se encontrar, conversar e se fazerem claras uma para a outra.

Porém, se Luiza se encontrasse com os amigos em uma festa, faria uso de outra faceta da língua que ela e seus amigos dominam, - com gírias e entonações -, mas dona Vera não teria entendimento pleno. Se dona Vera ouvisse diálogos entre Luiza e seus amigos de escola, perceberia que de fato a língua mudou. Assim como se Luiza lesse um texto mais antigo - e com certeza irá durante sua vida escolar - perceberia que a língua

que ela fala é parcialmente diferente da língua que amigos de escola usavam décadas atrás.

Com isso, Faraco (2005) confirma as mudanças parciais e lentas na língua. Se houvesse mudanças na língua como um todo, o diálogo entre dona Vera e Luiza não poderia acontecer.

Por serem lentas, também, não há condições para que se realizem de forma autoritária. Há registros judiciais<sup>1</sup>, mesmo no Brasil, que tentaram proibir o uso de determinadas palavras ou gírias. A ideia de que a partir de tal dia será apenas usado - ou não poderá mais ser usado - um lado da língua, só acontece em livros fictícios. A língua é movida pela boca do falante, não por leis. A língua viva e em uso é mais forte do que qualquer regra que se tenta impor a cima dela, sendo gramatical ou judicial.

Faraco (2005) também diz que um desafio para quem começa a estudar a história das línguas ou as línguas em si, é aprender a lidar com a heterogeneidade linguística, que é inevitável. A heterogeneidade da língua se confirma quando percebemos que não existe uma única versão de cada língua para os falantes fazerem uso, mas sim inúmeras versões plausíveis surgidas a partir da cultura do lugar de onde se mora, de como os falantes foram criados, das condições socioeconômicas, da escolaridade e da geração de cada sujeito. Mesmo com diversas variedades dentro da mesma língua, é possível se fazer entendido. Isso torna essas variedades tão corretas quanto a variedade considerada “norma padrão” da língua. Como afirma Faraco (2005)

Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala: como ele se constituiu, como é sua  
<sup>1</sup>“O Projeto de Lei 214/2021, de autoria do vereador Ronilson Reis (Podemos), apresentado na Câmara Municipal nesta terça-feira, 1º, proíbe o uso da “língua neutra” nas instituições de ensino público e privado do município de Goiânia.” Disponível em: <https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/noticias/proposta-proibe-uso-de-lingua-gem-neutra-na-lingua-por-tuguesa>  
posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visões de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante. (FARACO. p. 32, 2005).

Pensando no Brasil, falantes do sul tem experiências e histórias completamente diferentes das histórias de falantes nordestinos. Mesmo sem sabermos as demais condições de vida, como as citadas acima, dos sujeitos, por morarem em lugares tão distintos, já é certo que sua língua se difere. O mesmo acontece quando passamos de geração em geração. Dona Vera, nascida na primeira metade do século XX, e Luiza, hoje com 14 anos, experienciam realidades e línguas diferentes ao longo de toda a vida.

## REFERÊNCIAS

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

## TRANSCRIÇÕES

**Luiza:** “hããã ooo meu aniversário, tipo, foi bEM bom, só que eu dei... um... azar//zÃO di têêê, di tê, tipo, o dia do meu aniversário no dia de hmm uns gêmio lá du.. du nono da minha escola. i daí//basicamente eles tipo são bem famosinhos daí ninguém lembrou do meu aniversário [...] mas tirando isso foi tipo super legal, bem de boas.”

**Dona Vera:** “meu último aniversário//tava ótimo. minhas amigas, a minha neta//a outra não VEio porque não gosta de sair, né. mas tava muito bom, com as três, ca minhas três amigas mais próximas, compareceram. muito importante a MAria luisa. tava BOM, é pouca genti mas sabe, com bastante idade também nem se pode fazê festa pra muita genti porque daí dá muito trabalho. TOMamos um CHÁ, um DOce com salgadinho, passamos uma ótima tarde conversandu, tava muito bom.

## Língua como um aspecto cultural

Patrícia Braciak

O processo do desenvolvimento humano no caráter social, além de curioso e impressionante por si só, trouxe inúmeros questionamentos à filosofia, sociologia, psicologia e, principalmente, à linguística. A organização em sociedade, característica de muitos seres vivos, é impressionante quando observados os aspectos os quais a envolvem, tais como o desenvolvimento da linguagem. Para Milani e Rodrigues (2015), a linguagem

como propriedade humana se realiza nas línguas, e é através dessa capacidade que o ser humano se torna social, pois sem a linguagem, o ser humano não existiria como tal.

Observa-se que a formação de determinada organização social apresenta aspectos culturais intrínsecos a ela, os quais se manifestam no desenvolvimento da língua em discurso, ou na “língua falada”. Tal característica abrange não somente a fala, mas principalmente o falante e o contexto no qual está inserido. Em uma nação étnica e culturalmente vasta como o Brasil, é clara a rica e muito presente heterogeneidade da língua em todo o território nacional.

Nisso, o presente ensaio irá aprofundar a discussão acerca da presença das variações linguísticas, apresentando uma análise de uma conversação real entre falantes residentes na área rural do estado do Rio Grande do Sul. Essa análise observará aspectos contextuais, como culturais, étnicos e sociais, e sua influência direta sobre a língua.

### **Linguística e Sociolinguística: a língua em uso.**

A língua é fruto da interação humana em comunidade. Tendo em vista a capacidade humana da linguagem, é plausível seu desenvolvimento com conseqüente surgimento de uma forma de comunicação oral, sendo essa a língua.

A partir disso, fomentou-se a urgente necessidade de compreensão da forma como essa característica se desenvolve no processo interativo. E foi através do *Curso de Linguística Geral*, do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que a linguística lançou olhares ao objeto de estudo que, para o próprio Saussure, seria “a língua considerada em si mesma e por si mesma” (p. 271).

Portanto, a língua é, para Saussure, um fato social por ser um sistema adquirido pelo falante no convívio social, além disso, é o objeto central de estudo para a linguística. Nisso, Saussure priorizou a visão estrutural e formal do fenômeno linguístico, levando em conta aspectos imanentes à língua para o desenvolvimento do estudo linguístico. Pois assim “floresce a ideia de que ao lado individual da língua (parole) corresponde um lado social (langue) e que ambos não podem ser concebidos isoladamente” (ALBERTON, 2001, p.42).

Através da discussão da relação entre linguagem e sociedade, e embora reconhecesse aspectos externos à língua, Saussure propôs a distinção entre aquilo que chamou de Linguística Externa e Interna, dizendo que era perfeitamente possível estudar a história de uma língua sem conhecer as circunstâncias nas quais ela se desenvolveu. “É essa dicotomia que dividirá, de maneira permanente, o campo dos estudos linguísticos



contemporâneos, em que orientações formais se opõem a orientações contextuais”. (ALKMIN, 2001, p. 24).

A partir disso, outros linguistas ao longo do século XX começaram a discutir sobre a relação entre linguagem e sociedade. Dentre os quais pode-se citar Antonie Meillet, Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste, Roman Jakobson, Valentin Voloshinov e William Labov. Mas foi em 1964 que William Bright trouxe aprofundamentos nos estudos da Sociolinguística. Para Bright, essa por sua vez teria a diversidade linguística como objeto de estudo (Alkmin, 2001). Ocupando assim o campo social, é definido que a Sociolinguística se ocupa do estudo da língua falada em determinado contexto de aspecto comunicativo em uma situação interativa em comunidade. Consideremos, portanto, as observações de Alkmin (2001, p. 31) acerca do objeto de estudo sociolinguístico.

Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

### **Análise da língua falada**

O falar cotidiano, com amigos, família ou pessoas na rua. A simples interação com viés comunicativo e resquícios de informalidade, caracteriza a língua falada. Para Alberton (2001), a língua falada é o modo como nos expressamos sem a preocupação de como fazer isso, pois a atenção do falante está voltada exclusivamente para a informação a ser transmitida, sem levar em conta o aspecto formal da língua.

Alberton (2001, p. 40) faz observações acerca da relação entre os termos “língua falada” e “língua oral”. Para a autora, “a oralidade é inerente à língua falada, entretanto nem todo texto oral pode ser tido como de língua falada”, pois o que caracteriza a língua falada é o aspecto informal da língua, e difere-se, por exemplo, de textos orais apresentados em seminários e televisão. Além disso, a interação da língua falada é exercida em um contato direto de conversação em situação natural entre dois interlocutores. Ainda sobre a situação natural de interação, observa-se o conflito vivenciado pelo pesquisador na coleta de material para uma pesquisa sobre a língua falada. Esse conflito refere-se à presença do próprio documentador e como o ato de gravar a conversa pode inibir a naturalidade do falante.

A pesquisa a qual visa observar o uso da língua falada disponibilizada neste ensaio foi concebida no dia 25 de junho de 2022 no período da tarde. A gravação contém

aproximadamente 1 hora e 10 minutos de duração, porém, para esta pesquisa foram utilizados, através de frases e fragmentos do diálogo, alguns minutos para a análise do discurso. Constam nela, falantes residentes na área rural da cidade de Getúlio Vargas, região do Alto Uruguai, no estado do Rio Grande do Sul.

Para a transcrição, temos abaixo dois exemplos de diálogo em conversa (D1 e D2) e dois exemplos em recorte de fala (D3 e D4). Os falantes foram identificados como M1 e M2, e se repetem nos diálogos.

### **Diálogo 1:**

**M1:** acho que tem duas prevision de frio, só! agosto não(non) falam nada, fala de setembro (mah) não tem geada.

**M2:** tomara que não.

**M1:** (vi) no canal rural não sei se é verdade ou (o que).

**M2:** planta um miozinho bem no cedo, porque tá po:co, não tem milho.

**M1:** é.. em agosto:.. é ali pro dia 25 de agosto em diante tem que pranta.

### **Diálogo 2:**

**M1:** - Mauro acho que ia ve ovelha, era pra i o Jovane de atrás das ovelha compra.ele conto das ovelha?

**M2:** - falo que tinha vendido.

**M1:** - compro em São(son) Valentim... agora eu acho pa carrega ai vo la pa carrega. dai o home nom deu a resposta, depois deu a resposta que: tinha vendido e o home vai carrega segunda.. tudas...50 ven- tinha parece que.. compro tudas, mas... porque não (non) reservo... res- compraram seis! porque não reservo aquelas lá “não, tenho vendida essas 6 se nois num fica dai eu te vendo no lote”, “non pra mim mior” e a desculpa dele foi que tinha morrido um vizinho, e dai tinha (ido).. naquele dia não era pra i... dai tava esperando outro pra i ve as ovelha. diz agora, segunda se o otro não fica eu vo diz “não espera ai vo fala co=meu irmon”. inlia ele, inlia inlia diz “non mas acho que amanhã.. aah não deu pra i, diz-”

**M2:** - amanhã eu vo (dai) chega, ba:h não vo pode i hoje.

**Diálogo 3:** recorte de fala.

**M1:** - \*conversando sobre melado\* bonito num baldinho lá tem que vendê a quatorze. mah duro firme, não é:: água. no mercado um potinho de 600 grama era oito real.

**Diálogo 4:** recorte de fala.

**M2:** - ...e vai compara mais ou meno que nem o mel, o mel outro dia peguei no Gilmar...22 real o kilo, que: é as abeia ainda que fazem, é só i lá tira.. o melado tinha que se também nessa faxa...

A respeito da análise, Bortoni-Ricardo (2004) estabelece contínuos que nos auxiliam a compreender a variação no português brasileiro:

1. Contínuo de urbanização: refere-se ao modo de falar rural em relação ao urbano, marcado pela influência gramatical e padrão de escrita. Por não possuir fronteiras estritas, esse contínuo apresenta variações, como o *rurbano* que pode apresentar aspectos descontínuos (falar incomum com distribuição descontínua) ou graduais (falar comum com distribuição gradual).
2. Contínuo de oralidade-letramento: eventos de letramento ou de oralidade.
3. Contínuo de monitoração estilística: grau de monitoramento ou atenção do falante sobre o modo como ele fala.

A princípio, por ser uma conversa cotidiana em um âmbito familiar, observa-se um baixo grau de monitoramento na fala. Além disso, há grande presença de aspectos orais sobrepostos aos de letramento, além de um grau de fala que varia entre o *rural* e o *rurbano*, chegando raramente ao urbano.

Ainda no contínuo de urbanização, observamos a presença de traços graduais, como em “compro”, “hectar”, “dize”, “home”, “planta”, “poco”, “pra”, “i”, “grama”, “real”, e descontínuos como em “mah”, “pa”, “mior”, “pranta”, “miozinho”. Há a presença de metaplasmos por supressão, como em “pa”, “mior”, “pra”, “oveia”, “abeia”, “meno”, “hectar” etc.; e por transformação, como em Geovano > Jovane; homem > home; vou > vo; outro > otro; reservou > reservo; faixa > faxa; planta > pranta; pouco > poco, entre outros.

É necessário levar em conta aspectos sociais e pessoais dos falantes no momento da fala. Percebe-se a diferença no modo de expressão de ambos participantes, principalmente pelo fato de ambos terem diferentes faixas etárias, níveis de escolarização

e de acesso a centros urbanos, além de diferentes influências sociais e pessoais ao longo de seu desenvolvimento linguístico.

Ao nos referirmos aos graus de ruralidade, deve-se levar em conta a formação linguística do estado do Rio Grande do Sul, é inegável a presença de aspectos étnicos marcantes na fala. Tais aspectos presentes são decorrentes das ondas imigratórias do final do século XIX e início do século XX, momento no qual, o Rio Grande do Sul, assim como o Brasil, recebeu muitos imigrantes de origem europeia, como italianos, alemães, poloneses e até mesmo russos em menor escala. Muitos dos imigrantes recém-chegados estabeleceram-se em colônias, o que auxiliou o processo de preservação de seu idioma nativo. Além de que a existência de uma língua estrangeira influenciou diretamente o modo de falar de muitas regiões do estado. Essa influência se uniu com a já existente influência do espanhol, através do castelhano, e de outras várias línguas indígenas. Sobre a influência étnica, Alberton (2001, p. 58) observa:

[...] Muitos imigrantes chegaram aqui falando sua língua-pátria e tiveram de aprender o idioma usado pelo povo gaúcho. É provável, pois, que, nessa aprendizagem, muitos processos de variação e mudanças linguísticas tenham se desenrolado. Entretanto, poucos pesquisadores preocupam-se em observar o fator *etnia*. [...] Apesar de poucos, os estudos variacionistas sobre línguas em contato com o bilinguismo têm revelado ser tal situação responsável pelo surgimento de diversos fenômenos linguísticos.

Observamos, portanto, que a influência étnica nem sempre tem a ver com a ascendência dos falantes. O caráter étnico refere-se, principalmente, à influência dos idiomas trazidos pelos imigrantes e que permanece presente em muitas cidades e regiões rurais do estado gaúcho. Ou seja, um falante adquire características referentes a determinado modo de falar quando inserido em uma comunidade que possui determinadas características, por exemplo. Esse aspecto nem sempre tem a ver com a ancestralidade. Além disso, essa influência não só altera a entoação de alguns elementos, mas do sotaque como um todo. A mudança de sotaques e sua posterior criação de dialetos e variações próprias de diferentes regiões, refere-se ao fato de que a língua está em constante mudança e aperfeiçoamento, a qual se realiza através do uso cotidiano.

Observamos, na fala analisada, a presença marcante da consoante “l” principalmente quando no final de uma sílaba, são exemplos disso as palavras "mil", "real", "Brasil", “mel”, "barral" e até mesmo "alto". Em outro caso, nota-se a acentuação vocal da vogal "i" em algumas sílabas. Tal acentuação assemelha-se, em alguns casos, como um acento agudo, /í/, e em outros, assemelha-se sonoramente ao acento circunflexo

/i/. Esse fenômeno assemelha-se ao caso se sístole como um metaplasmo de transposição, que “é o nome dado ao deslocamento, por recuo, do acento tônico de um vocábulo” (Botelho, Leite). Para a transcrição, optamos pela marcação da letra átona. Exemplos disso seriam "vend<sub>i</sub>do", "d<sub>i</sub>a", "d<sub>i</sub>reito", "d<sub>i</sub>sse", v<sub>i</sub>nte", "d<sub>i</sub>visa", “t<sub>i</sub>nha”.

A proeminência da vogal "i" e da consoante "l" parecem ser aspectos marcados por influência de idiomas latinos, como o italiano e o castelhano, e às vezes até mesmo do português arcaico. Outro aspecto curioso, parecido com esses, e muito comum no norte gaúcho, é a troca de "-ão", e às vezes, "-am" por "-on"; mudança que ocorre na última sílaba de uma palavra. Alguns exemplos são: fogão - *fogon*; pão - *pon*; som - son, previsão - *previson*; falaram - *falaron*; disseram - *disseron*. Nota-se que essa mudança se difere sonoramente da gradual troca entre "-am" por "-ão", muito comum no popular brasileiro. Como por exemplo, disseram- *disserão*; falaram - *falarão*; fizeram - *fizerão*. Em ambos os casos isso acontece, principalmente, por conta da similaridade fonética desses elementos, mas observamos a influência de elementos étnicos e sociais no uso de "-on".

Da mesma forma, observamos o reforço da vogal "e" no final de muitas palavras. Essa marcação também surgiu após o contato entre tantas influências linguísticas no português falado. Exemplos disso são palavras como "leite", "disse", "nome".

O caráter *rurbano* presente no diálogo ocorre também através do surgimento do "R brando" (RB) que se manifesta até mesmo no chamado "R vibrante" (RV). Ou seja, a presença do "r" é marcante independente do lugar ao qual ele está posicionado. Ainda assim, deve-se levar em conta que o RB e o RV diferem se do chamado “R retroflexo” (RR), popularmente conhecido como “R caipira”. A presença do RR é comum em regiões com influência tropeira e indígena, principalmente, como em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, litoral e norte de Santa Catarina e algumas regiões do Rio Grande do Sul.

### **Considerações finais.**

Neste ensaio, levamos em conta aspectos sociais, de gênero, de idade e principalmente étnico-culturais, tendo em vista a grande influência que o último exerce em comunidades rurais. Essa influência é perceptível através da presença de um sotaque mais característico, o qual foi a característica mais proeminente no diálogo, principalmente de M2. Nisso, percebe-se uma certa dificuldade de transcrição da fala quando nos referimos a essa característica. Isso ocorre tendo em vista a dificuldade de escrever entoações fonéticas específicas de um sotaque, mas como esse não é objetivo do

ensaio, optamos por não utilizar um sistema de transcrição fonética para avaliar tal característica.

Concluimos que a variação linguística e o desenvolvimento de suas variantes, são aspectos proeminentes na língua falada brasileira. Seu desenrolar se torna muito perceptível em várias regiões do estado do Rio Grande do Sul, o que a torna uma região extremamente diversa culturalmente, principalmente, nas áreas rurais do estado onde há um caráter marcante e identitário. Por conseguinte, são essas diversidades que transformam a oralidade da língua portuguesa, deixando-a cada vez mais rica e poética.

### **REFERÊNCIAS**

ALBERTON, Cristiane. *O português falado no Rio Grande Do Sul: a ordem verbo-sujeito*. Passo fundo: UPF, 2001.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. Características da mudança. In.: *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. *O Conceito de Linguagem em Benveniste*. UFG. 2015.

### **Trabalho de investigação na comunidade**

Sophia Salles Boeira

Este ensaio visa apresentar a entrevista de uma fala gravada por áudio, agora, transcrita em prol de relacionar e analisar todo o material teórico previamente estudado na disciplina de sociolinguística, do curso de Letras - Português e Inglês, na qual entrevistei uma senhora de 77 anos, professora da rede de Educação Básica, atualmente

aposentada. Análises essas que mostram uma fala predominantemente urbana, porém, com alguns traços rurais devido ao ambiente onde a entrevistada viveu e está inserida. Assim, logo no início da entrevista fica evidente em sua fala algumas variações linguísticas regionais e traços graduais marcantes. Como o metaplasmo de supressão do r ao final das palavras “começar” ou “fazer.” Também, é muito curioso, como o regionalismo marca a fala em alguns momentos, no caso do R em “reforma” ou em “curso” é pronunciado de forma marcante e entonado, já em outros momentos o som da consoante R é ouvido de maneira leve e segundo a norma padrão culta.

Nessa mesma perspectiva, ao longo do áudio “nota-se em sua linguagem também o uso gradual de “tava” ou invés de “estava” e “tive” e não o uso de “estive”. Assim, quando estudamos em sociolinguística, ao longo desse semestre, que o contexto no qual o falante está inserido faz com que ele monitore ou não a sua fala, está mais do que comprovado nessa experiência de entrevistar um sujeito da comunidade em que estou inserida.

Desse modo, mesmo sendo professora e responsável pela alfabetização de muitas crianças ao longo de sua vida, quando analisamos essa entrevista devemos ter um olhar científico, como o de Carlos Alberto Faraco (2005), quem pensa ou acha que fatores sociais, culturais e políticos não se relacionam com a língua, está muito enganado. Todos esses fatores, principalmente o político, influenciaram na chamada língua portuguesa. Mais especificamente a maneira como ela foi abordada, em um ambiente familiar e informal, em forma de conversa entre avó e neta.

Mesmo a entrevistada não sabendo que sua fala estava sendo observada, que o trabalho é sobre variações linguísticas, pude perceber que “em alguns momentos a entrevistada tentou usar expressões mais formais e acabou, sim, monitorando sua fala durante a entrevista.” De toda forma, em alguns momentos “ela usa muitas repetições e maneirismos em sua fala, como o uso de “né” no final das frases e o “sabe” para tentar contextualizar alguma informação com o receptor da mensagem.”

Acredita-se, ainda nos dias de hoje, que a língua é homogênea, inflexível, não suscetível à variação e à mudança. Porém, esse pensamento é uma falácia, visto que a língua participa de uma sociedade e esta, como afirma Faraco, é uma totalidade complexa, heterogênea, contraditória, simultaneamente integrada e em constante devir. Tais aspectos fazem com que a língua esteja em constante variação, resultando em uma mudança linguística. A língua não varia e muda aleatoriamente. Há fatores que impulsionam isso, como no caso da entrevistada, que utiliza metaplasmos de supressão

em sua fala, que na língua coloquial são regulares e muito comuns, o tive, tava, tá, tô, etc....

Portanto, após a entrevista, todas as análises sociolinguísticas sobre variações linguísticas, variantes, metaplasmos e a língua padrão culta e não culta, desse modo, foi possível retomá-los na entrevista. Havendo, assim, a relação entre a experiência prática da entrevista e de tudo aquilo que consta nos materiais teóricos da disciplina que foram estudados, debatidos, apresentados e analisados, em sala de aula, ao longo desse semestre em sociolinguística. Abaixo transcrevi o áudio da entrevista que realizei, “que foi de grande valia tanto para minha formação acadêmica como para minha formação pessoal, sendo a entrevistada, uma grande inspiração de vida como mulher e educadora.

### **Entrevista Transcrita**

R.R.S

Pode começa?

Entrevistadora

Sim.

R.R.S

Meu nome é Rosa Rohrig Salles. 25 anos de carreira. Sou aposentada. 25 anos. 13 anos de magistério do município e depois entrei pro estado nos 12 anos restantes.

Entrevistadora

Conte para nós como foi a sua vida escolar antes de se tornar professora?

R.R.S

Assim, eu sempre estudei em escola pública. Em várias escolas de Carazinho, no caso. E depois fiz o magistério 4 anos, na época, teve a reforma do ensino em 70. E esse tempo de estudo não foi considerado como sendo o segundo grau, no caso. Estudei até a quinta série, e fiz 4 anos de magistério. E daí... não fiz o segundo grau na época. Porque daí eu estava noiva, ia casar e não fiz.

R.R.S

E iniciei a lecionar pelo estado. Daí depois de casar, não... foi no município, aliás, pelo



município. Há 13 anos, eu lecionei no município e depois no estado.

Entrevistadora

Calma, calma. Vida escolar e depois vai ter uma pergunta de como foi a sua primeira experiência. Daí você fala, ok?... Relata como era o seu tempo de lazer fora da escola?

R.R.S

Uhum. Quando criança?

Entrevistadora

Não... quando profe.

R.R.S

Há sim, como profe. Aí era em casa fazendo a lida de casa.

Entrevistadora

Preparando aula?

R.R.S

Sim, preparando... é... a gente sempre preparava. Deixava preparado tudo. E também cuidando dos filhos.

Entrevistadora

Conte experiências marcantes relacionadas aos seus professores e colegas como profe?

R.R.S

Olha, quando eu entrei no município, era a gente lecionar, férias, lecionava, férias. E as colegas assim... A gente, quase que por ter colégios longes, não se via. Quase não tinha relacionamento. Uma vez por ano, o prefeito dava lá na Capesu, um churrasco. A gente se encontrava lá. E não tinham, assim, outros encontros para encontrar com as colegas. E daí, como eu lecionei em colégios pequenos, né? Tinha uma ou 2 professoras, sabe? Um colégio que tinha vários alunos estudando. Professores, diretores, secretários, essas coisas, não tinha. Depois, quando eu entrei no estado, a minha relação com os professores foi melhor, daí tinha bastante professores. E quando eu tava... tava no

estágio probatório. Eu já participei de campanha política e fiz greve para melhorar o salário.

R.R.S

E, diga-se de passagem, acho que de lá para cá não teve um aumento real. Assim... sabe... dizer “nossa teve um aumento...”

Entrevistadora

Significativo?

R.R.S

É... significativo. Não teve. Até inclusive os governos aqui do Rio Grande do Sul davam abono para alcançar o salário mínimo, porque ninguém podia receber menos que o salário mínimo, né? Então eles davam abono de 500, 800 cruzeiros. Dependia de como estava a situação. Então a gente sabe que foi...

R.R.S

E ainda é, uma luta.

R.R.S

É luta e continua sendo luta.

Entrevistadora

Na sua trajetória de vida, em que momento e como se deu a sua escolha profissional de se tornar professora?

R.R.S

É quando eu tava no...no...no primário? É sim, eu gostava muito de participa, sabe, de brincadeiras... de ver. E admirava demais os professores. Não é que tinha vários professores, os que trabalhavam com nós era um ou outro. Mas mesmo assim a gente via a ação deles, né? E conhecia os outros colegas, sabia que gostava de tudo. E daí? Ali eu acho que me apaixonei, né?

R.R.S

Achei muito legal, depois daí, fiz os 4 anos de magistério e também foram... Assim bem... bem lúdicos, me ensinaram bastante coisa nesse curso de de...de... da escola normal que eu fiz. Eles ensinaram, assim, bastante coisa de como lecionar, como fazê, como acontecê. Para lida com as crianças, né? Daí tinha psicologia, pedagogia, toda essa parte aí. E mesmo eu não, não recebendo de acordo por te feito esses 4 anos de magistério. Depois, quando eu fui fazê o curso de férias lá em... Como? esqueci o nome da cidade... Ah tá. Depois eu me lembro. Assim, foi o que me ajudou bastante, sabe?

R.R.S

Porque teve colegas que fizeram os mesmos cursos, não conseguiram passa no estado e eu que fiz o concurso logo em seguida, entrei no estado. Porque eu me lembrava do curso, mesmo estando no município, os professores do município também participaram. Da reforma que teve no ensino, né? Então... era nesses concursos. Acho que até hoje é assim. Queriam ver se essas pessoas sabiam como é que estava o ensino, né? Com a reforma, o que que aconteceu? Quais as modificações? Era saber as datas, saber as aplicações... tudo eu sabia e consegui entrar no estado.

Entrevistadora

Você sempre esteve convicta da sua escolha profissional ou em algum momento pensou em desistir?

R.R.S

Sim, sempre estive convicta. Eu nunca pensei em desistir.

R.R.S

Tá bom?

R.R.S

E fui feliz até o final, quando me aposentei.

Entrevistadora

Agora, sim, como foi a sua primeira experiência como professora profissionalmente?

R.R.S

Tá aí, eu comecei a lecionar em Não-Me-Toque. Não, não... é outra cidade vizinha. Não, acho que era Não-Me-Toque mesmo, mas no interior de lá. O colégio era lá numa granja, mas daí, lá eu fiquei pouco tempo, porque eu tinha a minha cunhada, que trabalhava na prefeitura. Ela pegou a diretora. Que era a dona Terezinha e foi até lá me buscar. Lá na Granja, onde é que eu estava. Eu lecionava no colégio porque eles tinham construído lá entre as granjas para os alunos finalistas.

R.R.S

Santo Antônio daí, lá tinha um colégio. O colégio tinha sido depedrado estava todo cheio de sujeira, os papéis, tudo rasgado, eram um dos colégios. “Brizotele” que eles chamavam, não existe mais. Eu acho que a maioria já foi reconstruída e tudo. Mas, naquela época era uma sala de aula, um corredor, uma secretariazinha num lado, no outro, a cozinha. Bem pequenininha. E eu lecionei a minha primeira experiência, assim, que eu lembro mesmo de ter lecionado. O que me marcou bastante foi quando lecionei as turmas de segunda a quinta série.

R.R.S

E no outro turno, a primeira série que tinha bastante criança pequena, então já entrei e tinha muito o que ensinar e já...

Entrevistadora

Já emergiu?

R.R.S

Sim, aí tive um pouco de medo, essa experiência ainda era nova.

Entrevistadora

Com todos os seus anos de experiência, nos conte um pouco da sua prática de ensino, você acredita que cumpriu a sua função? E o magistério de te preparar para ser professora?

R.R.S

Como falei antes, sim. O curso de magistério me preparou, sim.

Entrevistadora

Preparou, você se sentiu mesmo preparada?

R.R.S

Preparada, tanto que, quando eu comecei a lecionar, fiz 2 turnos, logo que eu iniciei. Sozinha no colégio, eu tinha que ser diretora, secretária, professora e merendeira. É... tudo. Eu não tinha ninguém, era só eu e Deus. Mas as experiências que eu tive ali naquele curso eu acho que foi primordial, sabe? Que me ajudou muito.

Entrevistadora

Nos fale das concepções de ensino ao longo da sua carreira, até esse momento, então aposentada? Como a senhora se sentiu ao lembrar da sua trajetória profissional durante essa entrevista?

R.R.S

É eu... eu gosto de falar das minhas experiências. Ah... não fico triste nem nada. Teve coisas boas e coisas ruins. Mas assim, relacionamento com colegas, diretoras, essas coisas, foi muito bom, sabe?

Entrevistadora

Relacionamentos interpessoais?

R.R.S

Sim. Com as professoras, sempre fui bem tranquila. Nunca briguei com ninguém. Não, é porque a gente, às vezes tem aquela coisa, né? De se complicar com uma, complicar com outra, ter que sair do colégio por causa da inimizade, coisa assim, nunca aconteceu.

Entrevistadora

Era isso, acho que acabou.

R.R.S

Uhum.

Entrevistadora

É isso, muito obrigada.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia; CAMACHO, Roberto. Sociolinguística. In.: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM; Fernanda (org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. Volume 1; p. 23-50.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo, Contexto, 2000.

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 51-70.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

WHITNEY, W.D. *A vida da linguagem*. Tradução de Márcio Alexandre Cruz, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

### Investigação na comunidade

Vitória Wottrich Nunes

Quando Edith Pimentel Pinto (2011) escreve em seu livro, o português popular escrito, sobre os aspectos únicos e característicos da fala e escrita de feirantes ao redor do Brasil, ela acaba por evidenciar, em uma pequena, mas significativa amostra, as variações que acontecem no português brasileiro falado em comparação com o que é esperado na gramática culta tradicional.

Dentro do capítulo A Linguagem Das Ruas, há uma discussão sobre as variações

que tendem a acontecer nas escolhas de estilística fala de um indivíduo dependendo de a quem ele está se dirigindo, e o que ele espera obter com aquele diálogo. O que a professora observa é um reflexo do fenômeno sociolinguístico de variação linguística, decorrente da alteração de fatores determinantes como receptor, relação entre os falantes e intenção de fala (PINTO, 2011).

Na vida cotidiana podemos perceber essas alterações facilmente. Com fins de observação para este artigo, foram observadas as possíveis mudanças na fala de uma jovem de 20 anos, cursando o terceiro semestre de design gráfico na UPF, em dois em duas situações socialmente divergentes. Na primeira situação a estudante está conversando com a mãe de uma amiga de longa data, uma senhora de 59 anos já aposentada, com quem possui um grau leve de intimidade. O segundo momento se trata da mesma moça conversando com dois amigos íntimos, uma jovem de 20 anos, estudante de letras na UPF, com quem mantém uma relação próxima de amizade há quase dez anos, e um rapaz de também 20 anos, acadêmico do segundo semestre de ciências da computação na URI-Erechim, o qual está inserido nesse círculo social há dois anos.

Começamos pela forma presente no primeiro diálogo. É possível notar a intimidade que já existe entre as duas, a jovem se refere a senhora mais velha como *tia* quando se refere diretamente a ela, além disso, também podemos entender que há uma relação de respeito que segue a ordem hierárquica, pois quando a mulher de mais idade está falando a mais nova se mantém confirmando o que ela diz e a deixa dominar e ditar o rumo da conversa.

Quanto ao assunto debatido por elas, ele surge de maneira natural e fluida, sem que haja nenhuma influência externa. Todo conteúdo de áudio entre elas analisado para este artigo foi obtido a partir de um momento em que as duas foram deixadas sozinhas em um ambiente conhecido e confortável a elas, e a gravação é encerrada quando um terceiro indivíduo adentra o espaço, rompendo o fluxo de conversação que havia anteriormente. O assunto debatido gira em torno das séries que elas têm assistido nos últimos meses, e o que elas podem absorver de conhecimento a partir delas. É pertinente notar que, mesmo falando de um assunto pessoal a elas, ambas as mulheres tentam usar termos mais formais, além de evitarem gírias e expressões do dia a dia.

Alguns traços de oralidade e espontaneidade são notáveis, como por exemplo repetições de palavras durante a formação da linha de pensamento, o que é esperado quando o indivíduo não tem seu discurso preparado de antemão, o mesmo acontece com algumas sílabas que são esticadas na fala, como se dando mais tempo para o interlocutor

pensar o que está falando. Outro evento característico da oralidade que acontece são os metaplasmos. Há especialmente a ocorrência de eventos de supressão, aférese, o *estou* que virá *tô* e o *estavam* que surge como *tavam*, e apócope, *começamos* sendo encurtado para *começamo*, além de vários casos de transformação, com foco em metafoia, principalmente entre os fonemas *e/i* e *o/u*. Porém como esses eventos acontecem em uma escala muito pequena, podemos considerar que ambas participantes estavam monitorando suas maneiras de falar.

Já em oposição, no segundo diálogo não temos uma organização muito definida, as falas se sobrepõem e são constantemente deixadas sem serem terminadas, porém a conversa segue um fluxo de pensamento lógico, também podemos notar que os participantes estão rindo a maior parte do tempo, tudo podendo indicar o alto nível de intimidade e confiança existente entre os falantes. Outra característica que aponta para isso é o uso de linguagem extremamente informal, cercada por gírias, expressões e palavras, sem intenção de ofender, dentre os quais podemos destacar *seu corno*, *porra*, *lá vai o cachorrinho capenga*, *cara*, *gente*, *aí*, *ai*, *puta*, *que merda*, *bosta*, entre outros. O frequente uso desse vocabulário como forma de adicionar intensidade à fala também pode ser um indicativo da idade dos falantes, pois se trata de um traço linguístico muitíssimo mais comum de ser usado por jovens conversando entre si.

Nesse caso novamente, o assunto surgiu de forma natural e espontânea pelos falantes ao serem deixados em um ambiente conhecido, porém a gravação seguiu por muito mais tempo, sendo encerrada apenas após um longo período. A escolha de um trecho para a análise se deu através de alguns fatores observados, buscou-se um intervalo em que os interlocutores não estivessem falando de questões pessoais e particulares a si e que nenhum outro indivíduo fosse mencionado sem que houvesse seu consentimento. O principal assunto da passagem estudada se cercou em uma viagem vivenciada pelos participantes em janeiro de 2022 e experiências que os mesmos vivenciaram.

O fragmento é cercado por trechos marcantes de oralidade e espontaneidade, a exemplo das constantes risadas, as falas sobrepostas e o vocabulário nada formal. Porém, podemos explorar alguns traços mais técnicos, como os metaplasmos novamente. *Estavam* passa por uma supressão em aférese, se transformando em *tavam*. *Dormir* virá *durmi*, em um caso de supressão em apócope juntamente de uma transformação de metafoia. Essa sendo a prática mais frequente em todo o diálogo, os sons vocálicos são trocados a todo tempo, sendo *i/e* e *o/u* os mais constantes.

Ao fim, podemos concluir que assim como os feirantes analisados por Edith Pinto



(2011), nós também apresentamos variações em nossa forma de falar de acordo com a situação na qual nos encontramos, e que tais variantes acontecem naturalmente e indiferentemente do que é esperado pela linguagem culta padrão. Quanto mais à vontade nos sentirmos em uma conversa, menor será o cuidado que teremos ao vigiar o que falamos e a forma como o fazemos.

## TRANSCRIÇÃO

### Conversa I

**A-20 anos, universitária.**

**B- 59 anos, aposentada.**

B- Por isso que eu gosto de ver as coisas de 1900 e antigamente que dai:

A- Tia: eu e minha mãe começamo a ver uma série muito boa ... eu tô fazendo propaganda pra todo mundo porque eu preciso de mais gente pra surtar comigo porque é muito boa ... é mind hunter ... é nos anos: mil novecentos e quando os caras do FBI que estavam investigando os crimes eles começaram a anotar que ... os crimes tavam diferentes porque os: os: os assassinos eles tavam tipo não tinham mais um padrão que eles eram fora ... e daí eles começaram a notar que esses crimes tavam diferentes ãhn e daí eles começam a entrevistar os assassinos ... da época sabe? E tipo tudo baseado em histórias reais assim de assassinatos é horrível tipo tem coisa muito pesada mas o quanto eles são inteligentes tia e o quanto eles mexem com a psicologia daí tem dois caras que trabalham no FBI e uma psicóloga que junto se junto com o experimento é muito massa no:ssa muito legal ... e só tem duas temporadas infelizmente não tem mais

B- Eu gosto de assisti: ... a coisas que que remetem porque que nem eu assisti: é: ... durante ... ãhn ... ressu ... ressurrei ... ressurreição

A- Uhm

B- Que é a história dus: turcomanos

A- Um hum

B- Tu começa a entende: a história: do islamismo

A- Uhm ... uhum

B- Que não tem nada a ver com o com o islam de hoje

A- Sim ... é que eles usam essa

B- Então é:

A- A bíblia como motivo, né? Pra poder

B- Então as:sim eh: aí tu começa a juntar ... ai: e a eu assisti uma dos dos cruza dos cruzados aí depois eu fui: ... con conforme tu vai assistindo tu vai tu começ:an começa a ir fechando toda a história de todos os povos e sabe ... e como elas se cruzam

A-Hm-huh.

B- E como elas tão hoje

A- Tipo um quebra-cabeça dela

B- Tipo um quebra-cabeça isso daí tu começa a ligar

A- Aham.

B- Tá esse vê oh

A- E tem influência disso naquilo né?

B- Então é muito interessante ... esse tipo de coisa que eu gosto

A- Uhum eu acho que eu já assisti mas nesse sentido assim de história...

B- E essa dos turcomanos aí ela era: olha: ... tinha acho que oito temporadas e era: não acabava mais cada uma era sessenta ou setenta episódios.

A- Meu Deus do céu mas era longo assim?

B- Muito longo era bem levei acho que uns dois ou três meses pra acabar

A- (risos)

B- Mas bem interessante.

A- É triste quando a gente acaba uma série tão longa né? Depois tu fica meu Deus que eu faço?

B- Não mas daí tu começa a ligar daí depois com as outras histórias né? Tu vai...

## **Conversa II**

**A- 20 anos, universitária.**

**B- 20 anos, universitário.**

**C- 20 anos, universitária.**

B- Nunca tive um dormidão assim cara era sempre eu e u Otala ou eu e u Queiroz ou eu e u Queiroz i u Otala é sempre assim

C- Teve sim seu corno

B- Teve?

C- Nós em Marcelino

B- Tá não conta u Marcelino porra tô falando anties do ensino médio anties i nu ensino médio essa época vocês tinham o que quinze:

C- Quinze anus nu primeiro

A- (Rindo) Matins nós na primeira noite em Marcelino (rindo) meu Deus du céu foi muito cômicu eu tava ... tipo assim ... já tinham me machucado né

B- Uhm

A- Eu tava com uma porra de sangue saindo du nariz ...

C- Cara o lençol todo sujo de sangue (risos)

A- Sério eu tava ... eu olhei u meu travesseiro depois o Menin ... me atacou

B- É o Menin (inaudível)

A- E tava puru sangue ... e aí eu tá ... durmi ... daí depois ... (rindo) a Vick ... (risos) ... não parava ... não parou até o outro dia ... (risos)

C- A paz naquela casa não existiu

A- Não existiu

B- A: para

A- E assim...

C- Não existiu

A- E dai eu pensando meu Deus qui eu vô fazê cara ... que qui eu vô fazê eu precisu dormi se eu não durmi eu não sou ninguem né

C- (risos)

A-E daí lá vai a Leti (risos) lá vai o cachorrinho capenga (risos)

C- (risos)

B- Ela chegou lá na sala i eu falei ...

A- Peguei o meu travesseiro eu tava com o travesseiro lá?

B-Ta:va.

A- Eu não sei (risos) ... e daí ... fui assim ... e daí o Martins tava acordado graças a Deus e daí ele só olhou assim tu não consegue dormir?

B- (risos)

A- (risos)

C- (risos)

B- Eu tava (rindo) eu tava ...

C- Eu dô um jeito de não ronca fim du ano

B- Eu tava esperando eu contei a Leti vai vim aqui não deu deiz minutos chegou ela da sala lá eu falei eu sabia

A- (risos)

B- Pode vi; ...

C- Isso que cês nunca viram meu pai roncando (risos)

A- Meu De:us

B- Cara ...

A- Meu Deus du céu

B- Aí ela chegou e falou não não vô dormir aqui relaxa só vim aqui ficar um pouquinho nu celular até eu pegar nu sonu a:::: não tu não vai dormir aqui né não aí eu falei pra ela não vou pegar as coisas lá do quarto pra ti aí eu trago pra cá aí eu peguei o: cobertor que tu precisava du cubertor

C- E eu roncando

B- E tu roncando ... aí a gente começou a ... teu ronco baixou um pouquinho

A- (rindo)

C- (rindo)

B- Aí a gente ...

A- A gente si olhô

B- A gente se olhô e falou graças a Deus ... um, dois

A- (rindo)

C- (rindo)

B- E depois to:ma de novo.

C-(rindo) eu falei me acordava

A- (rindo)

B- Aí depois abaixa de novo um pouquinho aí começou a escutar um tique tac do meu relógio

A- Ah sim sim sim sim

B- Aí eu falei pu:ta qui merda ... aí eu falei não ... vô: vô guarda de ... guarda em algum lugar né? relógio tava muito alto o barulho eu falei vou levar em algum lugar ... ideia ge::nial levei pru quartu onde tu tava

A- (rindo)

C- (rindo)

B- Deixei em cima du ... (rindo) ... da cama o relógio lá voltei fechei a porta devagarinho

A- A Vick quando (risos) ... minha amiga si transformo num relógio

C- Assim se eu tive durmindo nada me acorda a não ser (risos) aquele (risos) aquela bo:sta de áudio de bom dia (risos)

B- Bom dia

C- Eu juro (rindo) nu último dia eu levantei pra batê:

A- (rindo)

B- (rindo)

C- Mas se eu tô durmindo barulho mi acorda ... tipo tu tem qui me chacoalha pra me acorda

B- U Machado teve a brilhante ideia desse áudio a:mo:: u Machado

C- Tenhu pesadelos cum esse audio até hoje

A- Bom dia

B- Bom dia e era dela era dez vezes bom dia:

A- A:: era aquela berrade:ra de manhã cedu qui odio

B- A: para ... foi era legal

A- No:ssa não

## REFERÊNCIAS

GOIS, Antônio. Mesmo falantes cultos não seguem a norma padrão. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 22 mar. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2205201115.htm>. Acesso em: 31 maio 2022.

PINTO, Edith Pimentel. *O português popular escrito*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2026. 96 p.

### **A análise dos traços da fala e do sotaque no âmbito regional para a prática escolar**

Yure B. Ferreira

Analisando o ensino linguístico nas escolas, a tentativa de padronizar a fala do aluno na norma culta, culturalmente aceita na sociedade, priva-se de um elemento importante: as diferenças sociolinguísticas. Ignorando a interação entre povos e culturas diferentes, não se busca compreender o funcionamento dos traços da linguagem e sua aceitação, o que deveria ser melhor trabalhado. Para dar uma ênfase no estudo dos traços que compreendem a fala em uma questão regional, foi realizado um estudo por meio de uma conversa de uma pessoa de descendência italiana que sempre morou no meio rural

para compreender as variações, traços graduais e descontínuos, juntos ao monitoramento estilístico e oralidade, para depois, buscar comentar mais sobre a fala analisada em um contexto escolar.

Sujeito entrevistado: AMD (iniciais do nome), mulher, 77 anos, casada, Nascida em Charrua/RS, vivendo atualmente no interior de Água Santa/RS. Seus avós vieram da Itália cerca de 130 anos atrás e instalaram-se inicialmente na região da Serra Gaúcha.

Para fim de observar o monitoramento estilístico da entrevistada durante a conversa, ela foi primeiro avisada sobre a gravação, mas quem conversou com ela foi sua neta, a fim de tornar mais espontânea a conversação. Os assuntos tratados foram assuntos do cotidiano, de neta e avó, sobre como ela está, quem foi visitá-la, como estão outros familiares e a partir disso, uma conversa que se seguiu fluída, buscando fazer a pessoa entrevistada falar o máximo possível, contando causos.

Nota-se na conversa um nível médio de monitoramento devido ao aviso prévio da gravação para o estudo de caso, mas ao decorrer também é perceptível um relaxamento, muito devido a conversa ser trivial e com um familiar próximo e de grande afeição. E além disso, partimos para a análise dos traços graduais e descontínuos da fala, a qual é permeada por pequenos trechos graduais (comumente falados por várias pessoas, incluindo as que vivem em ambientes urbanos, como exemplo, falar “tava” ao invés de estava), mas também por traços descontínuos, característicos da região estritamente e rural e nesse caso pela descendência de colonos italianos. Segue uma transcrição de alguns trechos da fala:

“Que venha aqueles que nunca vêm, nós viemo tudu dia”

“Ma ele fica, trata os bicho, vai pra garage...”

“ Vio, quando tu qué falá co tio nego (tio da neta) ligue no telefone dele”

“O Sérgio quis i pra casa cedo pra assisti o jogo do Inter tãmém”

Aqui se vê nitidamente traços descontínuos em palavras como: garage, tudu, qué falá (nesse contexto posto pela entrevistada), nós. São característicos da região mais rural, acompanhados de traços graduais como a palavra viemo (viemos), assiti (assistir), bicho (bichos). Outro ponto é o sotaque de descendência italiana, ilustrado pela palavra “tãmém”, pronunciando fortemente a sílaba, característico dos colonos italianos.

Mas quanto ao sotaque, há um ponto muito interessante. Durante a conversa, a entrevistada pronunciou as palavras corretamente de acordo com a norma culta brasileira,

mas ainda assim, elas soam diferentes das pronunciadas por pessoas que moram em ambiente urbano ou que não possuem descendência italiana. O sotaque é algo apenas perceptível na fala, não sendo possível a tentativa de transcrever a frase dita, já que não pode ser apontado com acentuação na transcrição. Tal fato se deve por não ser uma sílaba falada mais fortemente, mas sim uma decorrência da entonação específica, na qual apenas alguém descendente de italianos, e possivelmente de determinadas regiões poderiam ter. Assim como outras descendências possuem seus casos particulares.

Após a análise desse caso, pode-se voltar para a questão do ensino. A professora e linguista Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) diz que não se pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, pois os grupos sociais são diversificados, então apenas o rigor ao ensino da língua considerada padrão gera um desprestígio das variedades linguísticas. Como exemplo de ineficiência desse sistema, podemos considerar a fala da entrevistada do estudo de caso acima, observando primeiramente, que não deve ser desrespeitada a variação linguística da fala do sujeito, já que esta fala surge de uma questão regional e de descendência particular. E em segundo lugar, como comentado, há palavras pronunciadas corretamente de acordo com as normas da língua portuguesa, mas há o sotaque específico que causa uma alteração na pronúncia das palavras, mesmo com elas sendo ditas corretamente, inviabilizando totalmente qualquer tentativa de mudança neste modo de fala, pois é intrínseco ao sujeito. Se acrescenta também que é recomendável à instituição de ensino buscar analisar mais a língua falada e a transcrição dela, mostrando detalhadamente que a língua falada até pelos chamados falantes cultos, em certo nível de descuido ou baixo monitoramento podem deixar escapar palavras de cunho gradual ou até mesmo de cunho descontínuo, mostrando que não deve haver desprestígio na língua, podendo até quem sabe, tratar palavras de traços descontínuos como palavras de traços graduais, pois são palavras imersas na região e localização da pessoa do interior ou da pessoa descendente de colonos, quaisquer que sejam.

Assim, as escolas devem reconhecer que cada aluno possui características únicas de sua cultura, especialmente ao se tratar da fala e do discurso. Isso jamais deve classificar a fala como errônea, desprestigiada, aumentando o preconceito em torno da língua. Deve haver o debate sobre essa questão cada vez mais vezes nas escolas e instituições de ensino, onde o professor possa tratar cada aluno diferentemente, tendo conhecimento prévio da cultura do estudante, para aí então, adentrar ao ensino formal. O aluno deve sempre adequar a língua às suas situações particulares de uso, tendo o conhecimento que a língua, chamada de materna por Bortoni-Ricardo, sofre variações e que sua variação não é



errônea, e no decorrer, aprender como e quando usar que tipo de linguagem. Desse modo o ensino se torna um direcionador ao aluno, não um ditador, auxiliando muito mais produtivamente em seu desenvolvimento.

## **REFERÊNCIAS**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.